

Organizadores:

Denise Oliveira Gonçalves
Jefferson Soares de Sousa
Ana Beatriz Soares de Sousa

Curadoria:

Naelana Rodrigues Pereira
Stefhane Santana da Silva
Daniela de Almeida Peixinho Campos
Ananda Krishina de Rodrigues Silva

Colaboração:

Maria Otília Barbosa Silva

Ilustração e Diagramação:

Ananda Krishina de Rodrigues Silva

ISBN 978-65-00-98997-7

Todos os direitos reservados.

1º edição

Palmas - TO

2024



SUMÁRIO

- 6 – Apresentação
- 7 – Pan - tudo mudou!
- 8 – Covid
- 9 – Pensamentos
- 10 – Esperançar
- 11 – Alma de chá
- 12 – Um natal à espera da vacina
- 13 – Um grande nada
- 14 – Viagem... inconstante
- 15 – O caos de um tempo sombrio
- 16 – Abaixo a repressão. Camelô não é ladrão!
- 17 – O seminário
- 18 – A vida sempre pede mais
- 19 – Um rosto sem máscara
- 20 – Eu vou vivendo
- 20 – Desinformação
- 21 – Salvação
- 22 – Quem mandou se aglomerar!
- 23 – Folhas da mesma árvore
- 24 – De volta
- 25 – Idosos e animais
- 26 – Calma na alma
- 27 – O homem

- 28 – Pandemia e resistência no cerrado
- 29 – Favela Vive e luta
- 30 – Que seja assim
- 31 – Cultivando solidariedade para alimentar o povo
- 32 – Amanhã, Ontem e Hoje
- 33 – Fim de Ano
- 34 – Sonhos
- 35 – Brincar, rodopiar e aprender
- 36 – Flor-cadáver
- 37 – A dor que não dói em ti
- 38 – Hoje
- 39 – O professor tá ON
- 41 – Frutos da educação
- 42 – A caminho da escola
- 43 – Amordaçada, grito
- 44 – Palavras de Cris
- 45 – Narrando eu
- 46 – Espada de São Jorge: resistência mulher negra
- 47 – Destarte resistência
- 48 – Na Pandemia Não Fico Parado
- 49 – Alimento
- 50 – Sabores e Saberes da feira
- 51 – ‘Prestenção’ ao Cerrado
- 53 – No interior do País
- 54 – Cerrado no prato
- 55 – Lágrimas Cerradas
- 55 – Isolamento

- 56 – Sem máscaras
- 56 – Dores do poeta
- 57 – Sonhar
- 57 – Poema que grita
- 58 – Mogi, eu te vi!
- 59 – O barqueiro do vírus sobe o Rio do Sono
- 60 – Desequilíbrio
- 61 – Cotidianamente
- 62 – Quarentena Sonâmbula
- 63 – Cerrado PANC
- 64 – O Lobo Guará
- 64 – O Tamanduá
- 65 – Resistência no cerrado
- 66 – Pense
- 68 – O último Lobo do Cerrado
- 69 – Penúria
- 70 – Somos Todos Soldados
- 71 – Só o povo salva o povo
- 72 – O fogo afoga
- 73 – Chovi
- 74 – O looping da vida
- 75 – Divisa no horizonte
- 76 – Isolamento sem tecnologia
- 77 – Era uma vez, Brasília.
- 78 – **Conheça as/os artistas**

APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão **RESISTÊNCIA E PANDEMIA NO CERRADO**, realizado em 2021/2022 pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - Campus Palmas, em parceria com movimentos e organizações sociais, selecionou através de edital próprio obras de diversas formas de expressão para compor um E-book. O objetivo desta seleção pública foi estimular as produções artísticas no período de pandemia e de isolamento, entendendo a importância de sistematizar um processo de construção da memória coletiva sobre o primeiro ano de resistência da população na pandemia.

Organizamos neste e-book 73 obras de diversas formas de expressões da arte, dos sentimentos, das vivências e dos olhares que vivenciaram um contexto adverso de pandemia, marcado pelo isolamento social, pelo medo e a insegurança da população em relação ao seu próprio futuro, enfrentando uma profunda crise, no âmbito político, econômico, social, ambiental e sanitário.

A coletânea contém poesias, poemas, contos, crônicas, fotografias, produções de artes visuais: artes gráficas; desenhos digitalizados (feitos a mão e por meio de ferramentas digitais); fotos de muralismo e grafite. São obras de estudantes do ensino médio, graduação e professores do Instituto Federal do Tocantins, além de diversas obras de artistas, poetas e fotógrafos espalhados pelo Brasil inteiro e por outros países da América Latina.

Com grande alegria e satisfação o presente projeto de extensão, que originou a construção deste e-book, alcançou seu objetivo, sistematizando e perpetuando nas páginas dos livros a arte e a cultura popular, contados através das letras, dos desenhos ou dos olhares por trás das fotografias.

Os organizadores

PAN - TUDO MUDOU!

ANTONIO NETO BRANDÃO

Dias nos quais a folha da vida está vazia...
Que a alma suporta quiçá a si mesma.
Que a suavidade da brisa ainda é frenesi.
E a melancolia é toda minha.
A vida de outrora, já incerta; mas, segura.
Pan – tudo mudou! Ninguém queria.
O mundo parou. O que restou?
Olhares em tempos de pandemia!
Subitânea realidade de amores separados.
Remansosa espera, na esperança lancinante.
Devaneio do coração alanceado, em olhar espaventado.
Sentimentos conflitantes.
Partidas incompreendidas.
Lágrimas de desconsolo.
Memórias e despedidas.
Tempo nosso tenebroso.
Corações cerrados.
Silêncio dos olhares maculados pela dor.
Paisagem cinzenta; mas, corações irmanados...
Acalentados na resistência do amor.

COVID

RONALDO DÓRIA JÚNIOR

Vendaval assola o povo brasileiro
Rios de tristeza, morte e agonia
E o nosso presidente, que não é coveiro:
“É fantasia da mídia a questão da pandemia”
Não era somente uma gripezinha, afinal
Milhares de cruzeiros, imagem bastante eloquente
E o nosso Messias, pregando o amor fraternal:
“Outras gripes mataram muito mais gente”
Meses sem ministro, barco vagando sem direção
Armas inúteis contra a devastadora covid
Estupidez e inconsequência acima de toda razão
Preceitos da ciência vistos com desdém
Nos dias de hoje, há quem dela duvide
Estamos reféns da sabedoria dos cidadãos de bem



PENSAMENTOS

BEATRIZ SILVA DE SOUZA

Sr Raimundo é morador do interior, Mora em Trairí CE, Em uma pequena vila chamada Canaã, Lá não tem sinal de wi-fi, Não funciona nenhuma operadora de chip e mal pega o sinal da antena da tv, Lá é tudo muito distante dele, E somente Vários matos e sua casa, Sr Raimundo disse que vive muito bem onde mora, E sempre gosta de sentar em frente a sua casa e observar e escutar os sons das Árvores.

ESPERANÇAR

TAMA

Observo as chaves na porta.
Imensidões avulsas vivem dentro de quartos sem janelas.
Faço silêncio quando ouço o som de passos no corredor,
Até que o ser invisível desaparece pelo vão
do elevador. Há sussurros e há vendavais.
Como se o próprio tempo enviasse-nos alguns sinais.
Decido vestir-me e andar no meio da chuva que se aproxima.
Para que o instante se instaure na
memória.
Paro e observo todos os contornos do dia.
Mais uma vez há um batuque
Interno,
Que refaz minhas diretrizes.
Afasto-me da chuva porque sou o próprio temporal.
Raios e trovões que desmembram o céu.
Faísco enquanto nada mais parece passar,
Por pouco,
Mas ainda há

Tempo.

ALMA DE CHÁ

ANGÉLICA F. FREITAS

Entrou furtivamente pela porta do quarto, como se esperasse que ali estivesse mais alguém, o mundo real estava lá fora e ao mesmo tempo, agora, lá dentro. Se sentou mais uma vez na frente do computador, e enquanto a luz acendia e ele iniciava, tomou um gole longo de seu chá de hortelã e maracujá, acabará de o preparar, precisava mais dele nos últimos tempos, quase tanto quanto de água, a mistura ajudava naquela taquicardia que ia e vinha e era como um lembrete, direto do peito, de que precisa de mais pausas para respirar.

Então no bater e tilintar dos teclados, enfim entrou mais uma vez em uma reunião, onde vários quadrinhos representava pessoas e a lembravam da saudade que sentia de ver os rostos que eles escondiam na vida real... Ou melhor, normal. Enquanto estava ali sentada, imaginava o quanto amava o antes, quando os encontros eram presenciais, os abraços eram demorosos e a vida pulsava nos encontros.

O chá ia aos poucos com seu calor amenizando o pulsar forte do coração e os pensamentos a conduziam com esperança no calor dos reencontros futuros. “Esse ambiente não é de todo ruim” pensava quase como um mantra, e a necessidade fazia ele ser indispensável. Estranha mania essa de olhar para o lado bom de todas as circunstâncias e imaginar saídas que os fizessem menos árduos.

Quando terminou, saiu do quarto cansada, estranho que mesmo parada no mesmo lugar tinha a sensação exaurida de quem corre quilômetros. Foi então que viu rostos de verdade, corados e com sorrisos fáceis, não estavam em quadradinhos, e eram na verdade os rostos que mais amava e precisava ver no mundo. Eles se acostumavam na mesma medida que ela, com esta nova realidade, se esse distanciamento necessário proporcionou muitos aprendizados, o maior deles sem dúvida alguma, era o valor que aquelas pessoas tinham em sua vida. Neles encontrava o alívio de qualquer temor, o cessar de seu acelerar, e eram aqueles rostos iluminados que ela tinha a sorte de chamar de família.



UM NATAL À ESPERA DA VACINA

LAUREANA BARBOSA

A foto retrata a véspera do natal de 2020 de parte da minha família. Nos reunimos em poucas pessoas, de máscara e fizemos chamada de vídeo com o resto da família. Naquele momento cantávamos parabéns para meus avós que completavam 61 anos de casados naquele dia, ainda sem estarem vacinados. Há menos de um mês comemoraram 62 anos de casados finalmente vacinados com suas 3 doses, sinal que valeu a pena restringir tanto quanto foi preciso.

UM GRANDE NADA

TAMA

Bicicletas que vão a lugar nenhum,
Paradas na parede da sala.
Troféus frívolos e empoeirados.
Olhos que já não tem mais onde observar.
É triste a análise da realidade.
Às vezes destoo os fatos, para fingir que algo faz sentido.
Não faz.
Há morte que vem em vão,
Há frase escrita à mão,
Há lampejo de esperança
Que pisca, mas não acende,
Há risos e há temporais,
Há riscos na pele e
Manchas no carro.
Nada faz sentido.
Da mesma forma
Que os pontos rasgados na cortina
Estou fadada ao atravessamento
De luz.

VIAGEM... INCONSTANTE

THIAGO HENRIQUE FERNANDES COELHO

Viagem... inconstante

O velho senhor sentou à beira do lago

Em umas pedras, que deviam estar ali há muito tempo

Foi o que pensou aquele homem, já cansado da quarentena

Talvez não estariam, ao ver o movimento das águas

Que tudo leva, não deixando nada em seu lugar

Viu que a vida era como a água

Inconstante

Nada é tão sólido que não possa se desfazer por sua ação

Nada é tão duro que não possa apodrecer por sua ação

Nada é tão forte que não possa quebrar por sua ação

Passageira como as águas do lago

Passageira como o vento que sentiu em sua face

Passageira como essa pandemia

Nada é para sempre

Duas semanas após sair dali

O senhor foi diagnosticado com Covid 19

Internado

Três semanas depois, seu corpo descia na cova do cemitério

Mais um passageiro dessa viagem chamada vida

Inconstante como a água

Evaporou-se

Um dia, talvez, ninguém mais dele se lembrará

Talvez

Talvez

Talvez

O CAOS DE UM TEMPO SOMBRIO

MARIA OTÍLIA

Me senti na escuridão de um tempo sombrio
Onde pessoas usam máscaras para se proteger de um vírus
Não vemos mais rostos espalhados pelo mundo distribuindo sorrisos
Nossos olhos que refletem angústia, e o medo do caos se fez presente
Escolas fechadas, e nosso futuro em ameaça
Estamos em colapso
O governo coloca a população a beira de um extermínio, que tal desgoverno
“É só uma gripezinha”
A “gripezinha” levou milhões dos nossos embora e cadê a vacina? ...
Muitos dizem que estamos no mesmo barco!
Na mesma maré, quem sabe?
Porque no final sempre tem o alvo
Nesse foi o povo preto, indígena e pobre, como de costume, nada de
novidade por aqui
Foi genocídio!
Há quem diga que não foi intencional
Dava pra evitar, comprar vacinas, fechar fronteiras, conter o povo
Maldita doença que levou multidão à morte .

ABAIXO A REPRESSÃO. CAMELÔ NÃO É LADRÃO!

NAYÁ TAWANE

No início da pandemia, em 2020, trabalhadores ambulantes que vendem suas mercadorias há anos na Rodoviária do Plano Piloto, no centro de Brasília, sofreram com a atuação do governador Ibaneis Rocha que reprimiu (com violência), retirou as mercadorias e proibiu a trabalhadoras e trabalhadores ambulantes de buscarem o sustento nas vendas ambulantes. Como resposta, essa classe se uniu em uma mobilização histórica para enfrentar a repressão do Estado e lutar pelo direito ao trabalho e sustento. Na foto, uma trabalhadora ambulante utiliza a camiseta amarela produzida com a frase que se transformou no grito de ordem mais clamado durante os diversos atos feitos na Rodoviária e em frente ao Palácio do Buriti, local onde o governador trabalha. Logo atrás dela, policiais militares portando armas, cassetetes e spray de pimenta na cintura, fazem um cordão de isolamento para impedir a venda das mercadorias dessas pessoas, que em sua grande maioria são mulheres negras e periféricas.

O SEMINÁRIO

NANNA KRISHINA

Era só mais um gole de café, liguei o computador, fio na tomada, passei os dedos entre os cachos castanhos dos meus cabelos. Sacudi a cabeça como quem sacode a poeira esperando ficar limpo ao fim do movimento. Sentei, respirei fundo, tentei a técnica de respiração profunda. Certifiquei-me das horas, torcendo para faltar alguns minutos antes da web aula para não ser a última a entrar. Pensei: tá difícil segurar a barra nesse período, são tantos horários, agenda apertada e a vontade de dormir, mas quando me deito lembro do jornal, todo mundo morrendo, todo mundo espirrando e desesperado de fome e dor.

Minha respiração pesada começou a ficar ofegante e curta, pensei ‘poxa, peguei covid’, mas onde? Estou a quatro meses em casa e quando fui no mercado lavei tudo, dei até banho de álcool no arroz. Mudei todo o meu cotidiano, larguei a academia, o barzinho depois da aula, não visitei meus pais. Morando sozinha, sozinha eu fiquei. Lembrar dos protocolos que segui não aliviaram minha respiração que a cada segundo se tornava mais arfante e curta. Minha mão direita começou a pesar, tentei sacudir, amassá-la com a esquerda em uma tentativa de senti-la, mas conforme o tempo passava foi ficando ainda mais dormente. A dormência da mão começou a subir para o braço, pescoço, cabeça, coração. Meu Deus! Estou tendo um ataque cardíaco e estou sozinha.

Meus pensamentos pairaram em torno do sonho interrompido de ser a primeira pessoa da família a se graduar. Estou morando sozinha em uma cidade distante de casa porque queria o diploma da faculdade e agora vou morrer sem ele, sozinha e isolada. Não terei funeral, por que devo estar com COVID e ninguém poderá me ver ou velar. Coitados dos meus pais! Tentei gritar socorro e eu disse: suco! Suco, como assim? Cabeça funciona, por favor, por favor. A dormência estava na cabeça. E agora? Trêmula, com a respiração curta, dormente. Sentada na cadeira da mesa, fui repassando mentalmente os elementos que estavam na sala de casa: porta, cadeira, computador... Lentamente fui sentindo uma explosão de dor na cabeça e a dormência indo embora devagarinho Surpreendentemente ainda faltavam dois minutos para mais uma apresentação do seminário de Metodologia Científica.

A VIDA SEMPRE PEDE MAIS

EDUARDA MARIA RIBEIRO ANDRADE

dizem que existe uma tal crise dos 20. não sei como é, ainda nem tenho 20. mas tenho percebido o quanto viver pede sempre mais e mais. e às vezes a gente está cansado e só quer uma rede pra deitar num lugar tranquilo, um abraço casa, ou boas companhias para sentar, conversar e dar risada.

as satisfações da vida ainda se encontram nos pequenos detalhes. na gentileza que um (des)conhecido te faz ou que você faz a um (des)conhecido. na surpresa boba que tu faz ou recebe de alguém amado. nas pequenas e grandes sortes. assim como nas pequenas e grandes conquistas. é óbvio que viver ainda é satisfatório. a vida é um negócio incrível, mas tem dias que cansa, né?!

viver parece uma eterna busca por algo que não se sabe o que é. um eterno caminho para não sei onde. ao mesmo tempo que é simples, é difícil, porque se você não quer caminhar na direção que parece a mais indicada ou a que a maioria das pessoas segue, você se frustra por ser um pouco diferente. mas não tem problema em ser diferente. eu ainda acho que a melhor maneira de viver é sendo quem se é. e eu sei que sempre existe uma saída, mas tem dias que não dá.

sigo caminhando, mesmo sem saber o caminho certo, se é que ele existe. o meu caminho é diferente do seu. espero que a gente tenha com quem partilhar alegrias mas também dores. tenho lutado pra entender que: dizer importa. a vida é exigente demais, mas também sabe ser flexível.

UM ROSTO SEM MÁSCARA

ELCIO CRUZ

Ontem pela manhã lavei meu rosto

e depois me olhei no espelho:

Lá estava eu, totalmente exposto.

Diante de mim um fedelho.

Hoje, novamente, o meu rosto fui lavar

e não senti mais minha pele de menino.

No espelho, então, tento decifrar

o que me reservou o destino.

— Quem diria!

Agora é um homem que está diante de mim,

cheio de responsabilidades e problemas!

Amanhã, no espelho, irei ver também, outro alguém:

um homem com o rosto marcado pelo tempo,

com a juventude levada pela brisa calma do vento.

Como se fosse um soldado voltando de uma guerra

e fosse o único sobrevivente,

e desfalecido chegasse a sua terra,

depois olhasse seu reflexo simplesmente.

EU VOU VIVENDO

ARNALDO-LÓBII

“Ei! Fia...
Tá na psicanálise
Agora?
Manda um beijo para “Análise”
Avisa a “Aline”, que
mudei...
Conta pra “Lise”
Que ela terá uma surpresa
Eu desapeguei...
Peguei o bonde da vida
Pulei na piscina do desafio
De ida e vinda
Eu vou vivendo

DESINFORMAÇÃO

ARNALDO-LÓBII

A desinformação
É uma mina de ouro
Ela enforca o mais pobre
E dá açúcar para energúmeno

SALVAÇÃO

JADER CARDOSO SANTINI

O trabalho consiste em um desenho digital que faz uma homenagem aos profissionais de saúde e ao próprio SUS, responsáveis pelo cuidado da população brasileira em meio a pandemia de COVID-19. Uma lembrança de que a ciência e o serviço público de saúde salvou vidas. Além disso, uma forma de salientar que devemos defender o SUS.

QUEM MANDOU SE AGLOMERAR!

REGIANE CRISTINA LOPES DA SILVA

Em plena pandemia, o senhor Silva Santos Oliveira Souza Rodrigues Ferreira Alves Pereira acordou de madrugada. Dia de praia, se reunir com amigos, passear de iate. Era empregado bem remunerado. Meio salário mínimo por dezesseis horas de trabalho diário.

Vestiu sua camisa furada. Sem botão para mostrar o abdômen da fome sarado. Calças que pareciam bermudas. Correia dos chinelos consertados com pregos enferrujados. Máscara de sacola plástica. Face Shield encontrada no lixão ao lado do bar-raco. Na mochila, só a marmita e os documentos. Nada de sabão ou álcool em gel. O sabão era compartilhado com a esposa e filhos. Não poderia ser levado. O álcool em gel era conhecido através das propagandas recomendando seu uso.

Embarcou no ônibus lotado. Três horas de viagem confortável. Distanciamento social só do lado de fora do transporte público, exceto na quilométrica fila para embarcar. Aproveitava o ar quente do ambiente para relaxar, meditar. Tosse e espirros invadiam o lugar. Uma sauna gratuita para os desafortunados. Ainda bem que o novo coronavírus não contaminava quem não tinha carro para ir ao trabalho.

Em pé, esmagado por todos os lados, pensava no coitado do patrão indo de helicóptero até o iate.

Desembarcou do ônibus. Andou bastante, sob o sol escaldante. Entrou no iate, levou bronca. Estava atrasado. Não teve tempo de tomar banho, se higienizar.

Às 6 horas da manhã, já sentia o frescor do mar em seu rosto não lavado, enquanto servia o café da manhã. O estômago dele estava acostumado a se saciar apenas com o cheiro. Depois, comia o que sobrava.

Voltou do passeio contaminado. Quem mandou se aglomerar! O patrão com seus amigos estão internados em ótimos hospitais particulares. Ele, em cova coletiva, enterrado.

FOLHAS DA MESMA ÁRVORE

PATRÍCIA SANTOS

Nada é por caso, nada é em vão. Creio que este momento difícil que o mundo está atravessando, além de dores, trará grandes reflexões e ensinamentos para a humanidade.

Diante da calamidade causada pelo coronavírus, da perda de entes queridos, do medo de morrer, da incerteza econômica, do isolamento, percebemos o quanto somos frágeis, o quanto somos iguais e o quanto precisamos uns dos outros.

Quando tudo isso passar creio que possamos ter um novo olhar, que nos permita perceber que quanto mais nos doamos mais em paz ficamos com a nossa própria história.

Que consigamos enxergar que o mundo precisa de mais ações de luz, de mais empatia, de mais respeito, de mais amor ao semelhante. Que entendamos que tudo aquilo que nos separa, etnia, classe social, religião, é insignificante. Que no fim somos todos vulneráveis seres humanos!

Que consigamos compreender que somos ondas do mesmo mar, folhas da mesma árvore, flores do mesmo jardim. Somos parte de um todo que insistimos em fragmentar. Que consigamos sair deste momento de crise mais generosos, menos egoístas, valorizando o que realmente importa, contribuindo para um mundo melhor, amando mais!

DE VOLTA

REGINA RUTH RINCON CAIRES

Aninhado no banco da praça, aquecido pelo sol da manhã, Severino busca atinar o rumo. Faltou com o costume, não trouxe o cão. E também não trouxe a comida dos pombos que, cansados da espera, nem apareceram. A quarentena acentuou a solidão.

Fixa os olhos nas pessoas que passam. Lentas, silenciosas. Semblantes crispados, olhares fugidios, nenhum desanuvio. Nada de cumprimento, de aperto de mão, de abraço.

Ressabiado, não mais escuta os gritos do vendedor de bilhetes, nem do comprador de ouro e prata. O que foi feito deles?

Alguma coisa se perdeu. A praça é outra, o mundo é outro.

No peito, um desassossego só. A memória das mortes traz desconforto, embaralha as ideias. E o silêncio dói.

Instintivamente, levanta-se. Hora de voltar para o ninho.

Amanhã, trará alpinista. Pode ser que os pombos retornem...



IDOSOS E ANIMAIS: A IMPORTÂNCIA DO CONTATO SEM RESTRIÇÕES EM MEIO A PANDEMIA

LAUREANA BARBOSA

Essa foto retrata um raro momento de meu avô fora de casa na pandemia, no caso ele estava visitando meus animais e a alegria era simples, pura e contagiante.

CALMA NA ALMA

ANA MAGO

Agora calma, é novidade demais
Muitas pessoas assustadas
Outras desorientadas
Essa tal de Pandemia, isso não é normal
Coronavírus espalhado
Fazendo um estrago danado
O mundo está diferente
É tanta dor, tanto medo
Está morrendo muita gente
A vida não está normal
Falta abraço, não tem beijo, nem carinho
Nossos dias são virtuais. Será que dou conta?
A vida on line, tudo na rede
Um mundo sem paredes
Por outro lado, paciência
Aprendemos, adaptamos
Viva a resiliência!
Solidariedade, um jeitinho bom
Você ajuda quem está sem, uma corrente do bem
Tudo vai passar, nós vamos vencer
Quem erra aprende, quem nega, aprende também
Sigamos
Calma na alma, calma na mente
Calma, gente.

O HOMEM

VINICIUS CARDOSO

O homem se solta da gaiola
está livre e não sabe voar
não reconhece os lugares de antes da prisão
seus pássaros amigos já não são os mesmos

O homem solto da gaiola
aprende novos cânticos
bate asas em novos espaços
prova comidas que não identifica o sabor

O homem solto da gaiola
constrói para si um novo habitat
canta sem estar com tristeza
troca suas penas sem arrependimentos

O homem que se soltou da gaiola
devir passarinho

PANDEMIA E RESISTÊNCIA NO CERRADO

LIÉCIFRAN BORGES MARTINS

Estou por demais esgotado.
Minha fé e esperança já deixei de lado.
Felicidade mesmo é ter quem ama do lado.
Esperança é poder abraçar quem ama.

Desigualdade é vista em todo canto.
Como está minha saúde mental nesse momento?
Estou precisando de um doutor, aquele médico,
que cura a minha sangrenta dor.
Meus pensamentos estão atribulados,
tento ser forte e resistente.
Alimentando minha fé, resgatando meu amor.
Ser solidária, com meu irmão do lado.

Em meio a tantas decepções busco,
e procuro novos horizontes irmão.
Sigo na expectativa de viver dias melhores.
E abraçar novamente que eu amo meu irmão.

FAVELA VIVE E LUTA

GEOVANNI DA SILVA CARVALHO

QUE SEJA ASSIM

MARCELLO CAMELO

cada um na sua bolha, no seu metro quadrado
no seu mundinho, com seus fones ou teclados
estáticos, atônitos, na certa mascarados,
perdidos, atordoados, decerto concentrados

descrentes, inconscientes, inconsequentes
insanos, corajosos, tiranos, mascarados
famílias, solteiros, enamorados, viúvas,
desolados, arrasados, órfãos, enlutados

juntos mas separados, um perto longe
de mãos lavadas ou até besuntadas
cada um na sua, em cada canto com um
centrados, esperançosos, felizes por ser um

vitoriosos, de olhos marejados, solidários
atentos, de olhares cuidadosos, generosos
fraternos, amorosos e certeza mais humanos,
seremos todas, desejamos todos, que seja assim.



CULTIVANDO SOLIDARIEDADE PARA ALIMENTAR O POVO

GEOVANNI DA SILVA CARVALHO

A fome indigna e tem pressa. No momento em que vivemos é preciso compreender a solidariedade em seu sentido mais profundo como um ato de compromisso, entrega e afetividade de classe para com o nosso povo.

AMANHÃ, ONTEM E HOJE

DAGUITO RODRIGUES

Hoje.

Meu corpo não é meu. Meu corpo não é de ninguém. Meu corpo é do piso molhado da cerveja derramada, é da parede suada do calor da dança, é das luzes vermelhas que piscam no canto. Eu danço, danço, danço. Como quem sabe dançar, sinto os pés no teto, as mãos no peito, a língua na boca. Boca molhada, língua encharcada no peito ensopado, eu danço com a chuva como quem sabe dançar. Não sei. A batida vem da água na janela — toc...toc... toc... —, vem da caixa ali no canto — tum-ss! tum-ss! —, e a sala treme — e treme o corpo —, e a boca treme — e treme o piso —, e a parede treme — e treme o teto. Trovões. Tremor de amor por todo o corpo, como um trem teimando em sacudir meu corpo todo. Corpo que não sou eu, não sou nada se ninguém me vê, se ninguém me sente, se ninguém me toca, se ninguém mais no meu mundinho inteiro ainda existe. Sem ninguém não sou nada além de solidão. Raios. Quantos dias já, sem qualquer outro corpo, sem qualquer outro? Danço, danço, danço. Não deixa a música parar, DJ, não deixa, vai, som na caixa, hoje eu só quero dançar, e dançar, e... Transmissão encerrada. Obrigado por assistir!

Ontem.

Alguém sabe se vai ter live de algum DJ? Quero dançar na sala como se não houvesse amanhã.

Amanhã.

Sol entre nuvens, máxima de 28° e mínima de 21°.

FIM DE ANO

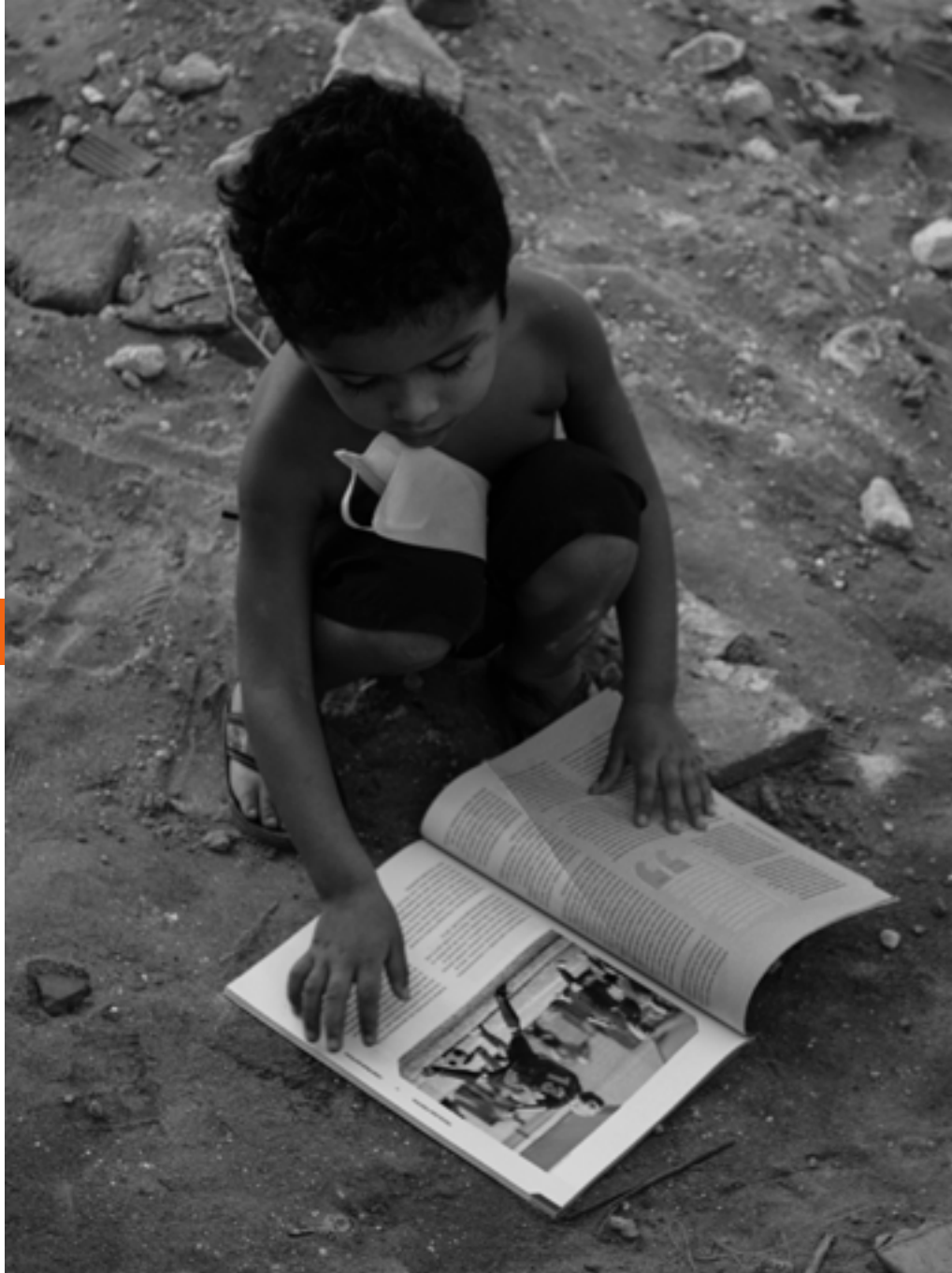
DAVID EHRLICH

Era o final daquele estranho ano letivo de 2020, e em uma escola pública de Palmas André ia buscar o último material impresso com atividades semanais. Era o nono mês da pandemia de Covid-19, e sua escola adaptou-se como pôde para atender as necessidades dos alunos. Até tentaram voltar ao ensino presencial, porém não era possível – faltava água e sabão para higienizar as mãos. Como a maioria dos alunos eram pobres e não tinham internet e computadores para estudarem à distância, criou-se um sistema para receberem atividades em casa. E ainda assim, havia aqueles como André que moravam em lugares onde os correios não chegavam, e ele tinha que ir à escola buscar.

Que inveja André tinha de seu primo rico, Ricardo! Este sim, tinha computador em casa e estudava em uma escola particular, que apostou em ferramentas digitais para dar aulas remotas que André simplesmente não tinha como ter.

Pior era a situação de Marcelo, irmão mais velho de André. Estudante do ensino médio, cogitava até entrar na faculdade, porém teve que largar os estudos para ajudar a família, pois a mãe não conseguia mais trabalho. Não era a primeira vez que isso acontecia: oito anos antes, o outro irmão mais velho de André, Carlos, também teve que fazer isso em um momento de vacas magras. Como seus pais notaram, porém, o único emprego que Marcelo conseguiu pagava um salário menor que aquele que Carlos ganhava naquela época. E isso com os gastos da família aumentando mês a mês.

Nem André, nem ninguém sabia quanto tempo a pandemia iria ainda demorar. Uma coisa, porém, ouvia dizer Marcelo, que queria estudar sociologia: mesmo que seu primo Ricardo pudesse cumprir melhor o isolamento social por ter internet em casa, no fim era pessoas como a família de André que ficariam isoladas da sociedade.



SONHOS

BEATRIZ SILVA

Essa foto foi tirada na minha comunidade, Onde Várias famílias que sofreram e sofrem muito com a pandemia, Por falta de alimentação, Desempregos e etc's. Esse garotinho da foto se chama Gabriel, Eu avistei ele de longe olhando fixamente para esse imagem do livro, Então eu fiz essa foto, Mas depois eu cheguei nele e perguntei o porque ele estava olhando para aquela imagem, E ele respondeu, Que quando ele crescer ele queria ser jogador de futebol e ter uma foto igualzinha aquela que está no livro.

BRINCAR, RODOPIAR E APRENDER

BÁRBARA OLIVEIRA XAVIER

A gente precisa rodopiar
ciranda, roda, brinca
cirandar é refletir, problematizar, se movimentar

a gente precisa brincar
a gente aprende é brincando
por isso que a gente gosta de dançar, pintar, cantar

tudo de brincar faz aprender
brincar aprende a ser e respeitar todo ser, amar, cuidar, pertencer, observar, reaprender
rodopiar pra nunca acabar o ser
segura a mão, na presença ou na intenção
faz uma corrente pra juntar toda gente
faz uma roda de amores, formar um cordão
e bem no meio joga um sorriso e abre o coração

isso é educação
tocar na roda
girar o saber
crescer o amor
brincar e conhecer
fazer florescer
conectar todo ser
educação popular é ciranda de aprender a construir o bem viver

FLOR-CADÁVER

NAYARA GÜÉRCIO

De tiro ao alvaro
sinto encostar em mim
o temor dos tempos, o medo do fim.
Mas ressuscito... fora dos templos
como Lázaro.

As rimas dão ritmo ao tempo.
Mas a verdade é que o tempo parou
ou talvez tenha dado corda para trás.
Se esgotou em si mesmo.
Se esgotou em mim.
Rimas são uma tentativa de ter controle sobre
o incont[ro]lável.
Talvez seja a única forma ines[go]tável
de reaver, de sobreviver...

De tiro ao alvaro
Esgotada, mas vacinada, sobrevivendo
Desabrochando como flor-cadáver
Fétida, mas existindo, crescendo.

Jaz em ânsia a vida.
A dívida de uma ignorância
que mata mais que bala de revolver.

A DOR QUE NÃO DÓI EM TI

EDUARDA MARIA RIBEIRO ANDRADE

quando tu diz que é “mimimi”, tu tá olhando pro que o outro sente e dizendo que não vale de nada. e o outro tá lá dizendo que sente muito. você não se importa se ele sente, você se importa com o que você NÃO sente, porque não é uma dor tua, né?!

quando você ama, você se importa se você machuca quem tu ama, mesmo que entenda que não quer machucar. e se desculpa, mesmo sabendo que não foi intencional. porque até quem ama, machuca. e até quem ama, erra. e mesmo assim, não justifica o erro dizendo que não quis errar. porque já errou mesmo, o que importa agora é se importar! e tentar não cometer mais o mesmo erro, não é?!

e se até o amor se desgasta com erros repetidos, então tem muita gente desgastada porque sofre pela mesma dor um monte de vezes.

tu prega que a gente deve amar e se empatizar com a dor alheia, mas quando o outro diz que dói, tu vai lá e cutuca a ferida. tu diz que nem tá doendo assim, que é conversa fiada, vitimismo e fragilidade boba.

tu tá vendo a ferida, mas tu não quer enxergar que tá doendo. não dói em ti porque tu não passou pelo mesmo. dói no outro porque já feriram ele muitas vezes naquele mesmo lugar.

tu realmente se importa com o outro e com o que ele sente?

muitas vezes minimizamos as dores alheias por não passarmos pelo mesmo, mas isso não quer dizer que o outro não sinta com força.

HOJE

FLANUBIO



O PROFESSOR TÁ ON

GUSTAVO LORÓN

Segunda-feira, 8h.

Já era possível ouvir:

- Sônia, me ajuda aqui. O que faço agora?
- Eu não lembro, Ricardo. O neto disse que você tinha que clicar no link e abrir a câmera. Agora, como faz isso eu não sei...
- Ah... Liga para ele!

Amanda, a primeira aluna da chamada e a mais inteligente de todos, resolveu ajudar. Ligou o microfone e conversou com o professor via videochamada.

- Professor, bom dia! Já estamos te ouvindo. Você vai ver aí na tela um símbolo de câmera. É só clicar nele.
- Oi, Natália - O professor sempre trocava os nomes dos alunos. - Não tem isso no meu teclado não!
- Vai estar na tela, professor! - Respondeu outro aluno.

Ricardo não achou. Ele espremia os olhos através das lentes grossas dos óculos procurando por algum sinal na tela. Os dedos largos clicavam no mouse sem parar, abrindo novas guias e campanhas publicitárias. Um cenário perfeito para qualquer vírus entrar naquele computador.

- O neto não respondeu! - Gritou Sônia da cozinha.

Os alunos tentaram orientar o professor, mas a cada dica parecia ainda mais confuso.

- Clica no ícone.
- Sai e entra de novo.
- Aperta F5.
- Autoriza o acesso à câmera.
- E se fizermos só por áudio, professor?

Nada. Nada resolvia.

Pronto! O neto atendeu o telefone... Era possível ouvir resmungos do professor do outro lado do computador. “Não encontro”, “não tem no meu computador”, “não está indo”.

Passado alguns minutos, o professor apareceu. Os mesmos óculos, a camisa branca larga, as sobancelhas grisalhas e um amontoado de livros bagunçados no fundo. A

sua boca se mexia, mas nenhum áudio.

- Professor... - Interrompeu Amanda. - Agora, não estamos te ouvindo.

Os alunos soltaram uma risada no canto da boca quando viram o professor levar a mão à testa e soltar um palavrão, tão intenso que foi possível fazer linguagem labial mesmo sob o pixelamento da imagem.

Dali em diante, virou uma novela muda. Os estudantes acompanharam a saga do professor andando com o notebook pela casa. Foram até a lavanderia, onde Sônia colocava as roupas para secar no sol. Então, ligaram novamente para o neto deles.

Ricardo andava de um lado para o outro do quintal, impaciente.

Sônia, com o telefone na orelha, tentava decifrar o que o neto queria dizer. A videochamada caiu. Agora, ninguém mais ouvia, nem via o professor.

Às 8h30, novos ruídos aparecem na ligação. O professor voltou, em seu escritório, com imagem e som funcionando.

- Estão me vendo e ouvindo?

- Sim, professor!

- Ótimo!

O tema era Revolução Francesa e o professor começou a descrever o cenário da época. Explicou sobre a crise, a monarquia absoluta, as manifestações populares e o lema Liberté, Égalité, Fraternité.

Quando o rei Luís XVI foi executado, Ricardo percebeu um silêncio da classe. Nem mesmo Amanda fez observações sobre o conteúdo.

Ele foi conferir o horário no celular e viu um sms:

“Professor, o senhor irá voltar para a aula? Acho que a sua internet caiu...”

Ricardo estava off desde a Proclamação da República Francesa.

FRUTOS DA EDUCAÇÃO

KARINA COLARITES

Nesta produção intitulada frutos da educação, a qual expressa as raízes de cada um, sejam elas doces ou amargas. Assim, transmitindo que a mesma une raízes- sendo representada pelas mãos dadas no tronco da árvore, e transforma vidas, faz com que o sonho do oprimido seja concretizado através da luta e da resistência, representado no topo da árvore pelo patrono da educação brasileira, Paulo Freire e pelos livros. Portanto, a educação produz frutos de esperança (representado pelas folhas amarelas), de luta (representado pela(o) militante), liberdade (representado pela libertação dos pássaros) e ciência (representado pelo material utilizado em laboratórios).

A CAMINHO DA ESCOLA

ANA MAGO

Gato, menino, papagaio
Quebra molas
Moto, carro, caminhão
Semáforo, pandemia
Cachorro, bicicleta, busão
Mas eu chego lá
Eufórica subo as escadas
Quando apareço na porta
O sorriso das crianças me conforta
Cada dia uma lição
À noite o cansaço bate
Porém o papo bate mais
Volto renovada
Não fico entediada
Escolhi certo minha profissão
Ensinamos com o intelecto
Aprendemos com o coração
É bom ser professora
Não vou mudar não.

AMORDAÇADA, GRITO

TAMA

Um sistema se transforma
Quando meus pulmões clamam por mais ar.
Uma vida se iguala a pequenos cacos jogados ao chão.
Como posso permanecer em vão?
Parede tola que me enjaula
Repulsa minha contradição.
Sou ignorada Na ânsia de persistir.
Ainda há tempo,
Ainda há luta,
Se meu corpo se retorce em contusão?
Como um polvo ameaçado
Eu almejo uma saída, uma flamula,
Pegadas no fundo da terra,
Baús com reviravoltas e
Imensidão.
Milagres, por favor, aconteçam...
Sangro na torre fria, mas não me canso
De desejar...
Estar Viva.

PALAVRAS DE CRIS

CIDA SILVA

Cris tinha 15 anos quando teve seu primeiro filho, “tive muita vergonha, sei lá... minha barriga já estava aparecendo e eu sem saber o que fazer, daí larguei tudo, a escola, os colegas”. Sua mãe ia brigar mesmo, mas se ela arrumasse quem assumisse a criança, que desse dinheiro, ia brigar pouco, vivia dizendo: se você pelo menos achasse um homem que te desse as coisas... Lembrou que ainda novinha ouvia essas palavras da sua mãe. A escola ficou lá pelo ensino médio, ou não, Cris não tinha documentos de escola e nem vontade de lembrar se um dia existiu escola para ela, a preocupação maior não era nem a escola dos filhos, mas se as crianças teriam a janta do dia, “de dia passa bem sem almoço, não importo não, come uma coisinha aqui, outra acolá, acham na rua, vizinhos que dão uma coisa ou outra, mas de noite é ruim, eles choram...”.

Um dia Cris recebeu uma cesta básica, as crianças correram para o pacote em plástico transparente e sorridentes viram a bolacha, ela ficou envergonhada; muitas perguntas: idade, quantos filhos, onde dormiam os filhos(gente... eu moro só num cômodo), tem marido??? O que o seu marido faz? E veio o convite para uma reunião aqui mesmo, no Tocantins, decidiu ir, no local se viu refletida nas várias mulheres que lá estavam, caladas, cabeças baixas, mas foi tomada por uma súbita vontade de falar:

- Tem pergunta dolorida e sem resposta, o que faço da minha vida é muito mais importante que tantas outras perguntas. Ela se assustou com as palavras que saltaram de sua boca, mesmo de máscara saiu alto, bem alto, se sentiu leve, queria ir novamente e falar, porém, a pandemia do COVID-19 chegou; suspensas as reuniões, aulas, diárias que fazia em residências, tudo foi sumindo. Quando se deu conta, estava cabisbaixa na fila da cesta, da sopa, da escola para pegar atividades(daí sumiram as filas, sem aglomerações). E vieram outras filas, da 1ª dose da vacina, da 2ª dose, reforço...

NARRANDO EU

CAROLAINA SOUSA ALVES

Quando me perguntam como eu narraria a minha história, logo surge a pergunta: Que história ? Nunca foi fácil determinar um ambiente ou espaço, em que eu pudesse dizer: Que é ali que eu quero crescer, viver e florescer ou até morrer.

Talvez porque eu não me via como a certinha, nem como a lutadora que luta por uma causa perdida ou pela vida.

Parando para me encontrar; foi difícil me achar. Talvez porque nunca consegui me encaixar em cada ambiente que meu caminho me fez achar ou chegar.

Eu já ouvi histórias e já me compartilharam tantas memórias, mas para mim sempre pensei assim: Isso será sobre mim?

Eu já ouvi julgamentos, mas nunca vivenciei o sofrimento de um povo que me fez entender os seus grandes lamentos e desentendimentos.

É foi assim que eu ouvi e deixei ela falar: O som da terra, das raízes e cor da pele brotar. Em meio a esses gritos, eu mergulhei nesse infinito e descobri o meu objetivo. Reconhecer e compreender, o que me perguntam.

O meu eu, minha história e toda essa trajetória e ancestralidade da vitória do povo preto. Desde as raízes do cabelo até o esteio do meu espelho.

Assim me sentir alguém que luta para resistir, progredir e nunca desistir.

É honrar aqueles que morreram para dar espaço, lugar de falar e direitos para mim e assim criar respeito.

Pelos meus laços e traços dedilhados no papel que um dia foram amargos.

Hoje no papel, escritas, recortes de vida que a cada dia se fazem mais vivos.

Nesse cotidiano esquecido, anulados pelo tempo de silêncio mantidos, pelas mães e filhos que foram oprimidos.

Nesse mundo revestido de muitos eus perdidos que fazem da história em narrativas a minha e a nossa grande parte viva.

ESPADA DE SÃO JORGE RESISTÊNCIA MULHER NEGRA

VITÓRIA CIBELE MACIEL DA COSTA

Minha obra tem o intuito de mostrar a ancestralidade e resistência do corpo negro por meio da arte desenho , que outras pessoas possam se ver representada e possa despertar o interesse de desenhar nas mesma.

DESTARTE RESISTÊNCIA

RAQUEL BATISTA DE OLIVEIRA CAMPOS

Sufocada no lar de máscara a se reinventar
É ela, tão viva, não há de morrer
O canto abafou-se na boca tampado, moldado; branco, preto, estampado
Foi-se como aquele que evapora em suas mãos a passar
Mas, ela, teimosa, há de aguentar.
Ah que tristeza os palcos deixar
Ela, irrequieta, ninguém vai parar
“Live” a fazer, qual “live” vai ser?
“Live” é nos cantos ou prantos, livre viver
O tom do artista embargada sua voz cantou numa tela e ninguém podia ver
Boa Vista tão quente, o calor de seu público tampouco sentiu
e ele, o artista, de frio partiu ou de solidão
Sorriso tampado, abraço apertado? Não! Não! Silêncio dobrado!
No luto ou sem ar, só ela tão viva nos faz alegrar
Pintura, Teatro, na dança o compasso
Quadrilha? Não mais haverá!
Pra música, nem palco, dançar agarrado não pode rolar
Tristeza que arde, o artista sem arte só há de chorar
A voz da esperança é canto Macuxi
E ela, tão viva, como um Rio que Branco só há de fluir
Ela revive, renasce, insiste: - Vai sobreviver.
Agora à sua sina, pandemia reclina e a arte menina não há de morrer!

NA PANDEMIA NÃO FICO PARADO

GG DO SB

Na minha quebrada tem o rap e o funk
A vida é sim uma roda gigante
Título que eu carrego no nome
Assim como os pensamentos são grandes
GiGante na forma de pensar
Poluição não tá só no ar
Mas também vem no seu falar
Cuidado pra não vomitar
O nosso ar tá contaminado
Hidrogênio limpo é raro
Cuidado pra não ser afetado
Então trate de se vacinar
A vida não tem segunda chance
Quem te dá isso é o Levante
Levantando a minha quebrada
Com esse vulgo, me sinto tão longe
O mundo tem diversos lados
Na arte tô conectado
Conectando minha vida com a sua
SUS sim é saúde pública



ALIMENTO

MARA FARIAS

A semente do sonho
Rego todos os dias
Em meus pensamentos.
Cultivo, adubo esperanças...
Chove vontades, medos,
Ruas, abraços, andanças,
Germina solidariedade.
No peito brota coragem,
E essa sementinha
Vai alimentando a mocidade, Jovem
como eu, às vezes pequenina, Às
vezes voraz a vulnerabilidade. A
semente do sonho
Vai germinando verdades,
Verdades indesejáveis,
Fortes e constantes,
Só quem tem essa pele,
Sabe o que estou falando,
A semente do sonho
Se colhida em junteiro
Virá doce e succulenta a liberdade.

SABORES E SABERES DA FEIRA

GERUZA ALINE ERIG

As feiras livres de Palmas representam resistência, cultura e patrimônio da comunidade. Na pandemia, os produtores continuaram produzindo os alimentos frescos que sustentam e trazem vida à cidade.

'PRESTENÇÃO' AO CERRADO

EVANDRO VALENTIM DE MELO

Pai João olhou ao redor e disse, com autoridade:

— 'Aprochem-se'. Mas só quem se vacinou. Quem não, tenha a bondade de sair.

Quem deu trela à boataria sobre a vacina perderia a história. Alguns ficaram do lado externo da cabana. Pai João começou:

— Há bastante tempo, viveu aqui, neste Cerrado, um rico senhor dono de terras e de escravos, conhecido por Sinhozinho Frota. Da terra, com o trabalho dos negros, retirou muito ouro. O metal era derretido, guardado em garrafas e enterrado em local secreto.

— Sinhozinho levava escravos velhos, dizendo-lhes que seriam libertados depois de enterrarem as garrafas. Porém, concluído o serviço, ele os matava. Havia muitos sinhozinhos no Brasil. Ainda há, alguns até são autoridades... Mas essa é outra história.

— Segredo, vocês sabem como é, cedo ou tarde, se revela. Um dos negros velhos, antes do último suspiro, contou tudo a outro negro, Ossain.

— Ossain era detentor de grande saber sobre as plantas, herdado dos antepassados africanos. Fazia poções poderosíssimas. Já naquela época, ele via como o garimpo degradava tudo ao seu redor. 'Prestenção'! Um negro escravizado, no século XVI, se preocupava com o meio ambiente. Ossain criou incrível poção que tornava o solo fértil de novo. Bastava despejá-la e as plantas rebrotavam.

— Ambos os segredos, o de Sinhozinho Frota e o de Ossain, se tornaram conhecidos. O escravocrata pretendia aumentar ainda mais a sua fortuna com a poção.

— Dias antes, Ossain também despejou sua criação em garrafas e as enterrou. Sem conseguir o que queria, Sinhozinho acorrentou o babalaô no pelourinho e o chicoteou até a morte.

— Há dezenas de histórias sobre o ouro e sobre a poção mágica daquele tempo.

— Alguns anos atrás, certo aventureiro encontrou uma garrafa velha. Intacta e com um líquido dentro. "É a poção!" - Deduziu.

— O aventureiro alardeou seu achado. Despertou a ganância em gente tão cruel quanto Sinhozinho Frota. O linguarudo era bem intencionado, queria recuperar o Cerrado, tão destruído.

— Fizeram-lhe emboscada. O aventureiro, contudo, tinha amigos que o acompanhavam, sempre armados. Na troca de tiros, a garrafa foi atingida e espatifou. O líquido foi despejado no solo. O Cerrado reviveu? Que nada! Tanto tempo desde que o babalaô a preparara, a poção perdeu as propriedades. Os capangas se retiraram sem cumprir a missão.

— Ninguém se iluda, não há magia que salve o Cerrado. Ou a destruição para ou ele se acaba. O mesmo com essa maldita pandemia - gritou Pai João, para que os não vacinados do lado de fora ouvissem - ou todo mundo toma a vacina, ou ela continuará matando o povo.

NO INTERIOR DO PAÍS

GUTO GARCIA

Eu vim de lá
Eu vim de qualquer lugar
Vim de barracos e aldeias
Vilarejos e favelas
Prostíbulos e escolas
Eu vim do interior do meu país
Eu venho pra cá
Eu venho pra cá trabalhar
Alugar casebres
Fumar ar puro
Andar no escuro e na claridão do dia
Eu vim ser mercadoria pro exterior do meu país
Eu vou pra lá
Eu vou pra lá onde Deus quiser
Vou assentar de vez na vida
Me cobrir de terra, fresca terra, debaixo da terra
Molhar o subsolo do meu cerrado
Eu vou embora pro interior do meu país

CERRADO NO PRATO

GERUZA ALINE ERIG

O frango caipira com pequi e salada da horta exprime a identidade do tocantinense. Herança deixada pelos habitantes do antigo norte de Goiás e que ainda resiste nas mesas do Tocantins. Na pandemia o consumo de alimentos da “roça” cresceu significativamente sobretudo pelo valor econômico e da segurança alimentar.

LÁGRIMAS CERRADAS

LÍRIO RELUZENTE

Nestes versos tão singelos
Chora o cerrado
Devastado...
Lágrimas florestais, savânicas
A constante ameaça
É fogo na diversidade das matas
Dinheiro nenhum paga
O que na vida tem valor
Minha Savana brasileira
Escrevo com amor
Sem ter medo de lutar
Seja contra ou a favor

ISOLAMENTO

RAQUEL OLIVEIRA

Desatento me contento
Com as curvas do lamento
Neste tempo: isolamento
Pandemia meu tormento
No cerrado reinvento
Voa longe o pensamento
O coração em desalento
Nesta vida me sustento
Espero eu o livramento
Pra ciência entendimento
Prenda logo com intento
Esse vírus que por dentro
Rouba o ar, traz sofrimento

SEM MÁSCARAS

RONALDO DÓRIA JÚNIOR

Estou vivendo numa ilustração
Com os insetos, a chuva, o sol e o vento
Escondo assim a verdadeira prisão
Que vai muito além desses dias de isolamento

Finquei meus pés na terra escura
Vejo uma mata alta, deserta e sem fim
Orquestra de passarinhos, sinfonia de candura
Tudo nos limites restritos do meu jardim

Minha pele é uma tela pintada, pincelada
Rabiscada no deslizar de dedos e mãos
E finalizada com primor

Como uma pluma, sem máscaras, desgarrada
Eu voo, aparentemente sem direção
E pouso nos braços do meu amor

DORES DO POETA

ROBINSON SILVA ALVES

Minhas dores não são minhas
São dores alheias
Pois o mesmo sangue
Que corre no outro
Corre também em minhas veias

Lágrimas são compartilhadas
No meu peito bate um coração
Sinto a dor dos aflitos
O silêncio da solidão

O clamor dos oprimidos
Ecoam nos meus ouvidos
Angustiantes ais
Os mais frios gemidos

Um grito de coragem
Traz uma nova mensagem
O mais lindo sonho
Sonho liberdade

Os versos lutam e vivem a descoberta
Na batalha das palavras
As dores da poesia.

SONHAR

ROBINSON SILVA ALVES

Sonhando sonhos
Da eterna mudança
Acreditar no impossível
Ser criança

Viver a vida
Com a inocente poesia
Navegar o universo
O universo fantasia

Descobrir a estrada
Aprender a andar
Pintar o mundo
Com tons do sonhar

POEMA QUE GRITA

ROBINSON SILVA ALVES

Quero declamar
Versos contra a maldade
Desafiar a injustiça
Todas as formas de crueldade
Derrubar os porões
Porões da perversidade

Gritarei mil gritos
Nesta tal sociedade
Um poema que GRITA
O grito eterno
Liberdade.

MOGI, EU TE VI!

PATRICIA DE CAMPOS OCCHIUCCI

No interior de São Paulo
Uma cidade do Cerrado
Viu-se em plena pandemia
Mudando como vivia.
Mogi Guaçu, lembrado...
Como uma doença
Pode mudar a rotina
E o modo de convivência?
Isolamento, fechamento
Medo da improvidência
Arrebatados os sentimentos...
Gente se foi na terra
Onde o Rio Grande das Cobras
Reabastece.
Nada volta a ser como era
Quando a dor não esquece.
Onde tem Sibipiruna e Jatobá
A esperança ainda há
Como a flor que nasce do Ipê
Essa pandemia irá abrandar
E os abraços poderão acontecer.

O BARQUEIRO DO VÍRUS SOBE O RIO DO SONO

MARCOS ANTONIO CAMPOS

Desabaram todos os altares
Onde dormiam nos santos sepulcros
As relíquias e a esperança em Nosso Senhor
A vida virou ex-voto da fé em Nossa Senhora da
Natividade De nada adiantaram o Santo Sudário,
Os pregos da crucificação, o fragmento da cruz.
De nada adiantou o esforço dos Cavaleiros Templários
Protegendo o Santo Graal
A coroa de ferro foi posta sobre a cabeça do vírus
De nada adiantaram odes e ladainhas
Deus abandonou seus filhos a própria morte,
À noite e a escuridão agora iluminam os céus de Palmas e de Tânatos
A arca que nos mandou, não abarca os vivos
Abarca apenas legiões de mortos
Enterrados sem a cerimônia litúrgica do Senhor do
Bonfim Levados pelas correntezas dos rios do Sono e
Tocantins Sob o comando do barqueiro de Hades
Para debaixo da terra na barca de Caronte
Até que o Vaticano vaticine um novo milagre
Ou Cassandra vacine os humanos
Grandes ruínas ou um bode expiatório se enterram no *Cerrado*

DESEQUILÍBRIO

KATIA COLARITES

A obra tem no centro a balança da justiça, mas o desequilíbrio é nitidamente visto, fazendo uma crítica quanto aos pesos da balança, um saco de dinheiro pesa mais que milhares de pessoas em situações vulneráveis de fome, insegurança, pobreza. Quem controla e mantém essa balança é a mão de um homem com terno e gravata que não é identificado sua face. Outro ponto de crítica é a balança da justiça representar o contrário, a injustiça de um país onde um dólar vale mais que uma vida.

COTIDIANAMENTE

MARCOS ANTONIO CAMPOS

O

Homem

Que ora-pro-nobilis

Hora, dia, mês e ano

S U B S E R V I E N T E Sub(metido)

em sua vontade

Ao desejo do vírus, partido/patrão

Transforma o poder da sua mente

Em colaboracionista, desmascarado sem proteção

Da lei, da ciência e da quarentena

Em um homem terraplanista pacato, desarmado de pensamentos

Entubado sem um respirador de ideias

Pacato, acata, num ato a transfiguração

Da vida em morte, entrega a própria sorte

A sua vida e a dos seus filhos

Ato que enterra no cerrado

A sua própria prole etária

De ator doado

A vala comum dos oprimidos.

QUARENTENA SONÂMBULA

MARCOS ANTONIO CAMPOS

Nada mais me agrada
Do que a prosopopéia
De acordar um sonâmbulo lápis
Deitado sobre uma lauda
Durante a pandemia aqui no Cerrado
Com o pretexto de enfeitar uma metáfora
Com joias de filigrana e capim dourado
Quero buritizar todo o Tocantins
Ornando-o com favas de bolota e araras Canindé
Tomei as palavras emprestadas de tua escrita
Para iluminar à noite com nosso sabor
Fiz dos pés de mangaba o gosto de tua boca
Escrevi as palavras que falam
O sabor de tuas guabirobas e pequis
Fiz dos poemas as dores
Escritas em papel molhado
Nas lágrimas das casas arruinadas pela pandemia
No sangue derramado pelas derrotas dessa enfermidade
No vinho das vitórias desentubadas, nos leitos dos hospitais
Escrevi para manter-me vivo
Adubado pelo sabor da terra de meus ancestrais
Quero que todos saibam que mesmo emparedado
Que tenho o Cerrado em minha língua

CERRADO PANC

ADRIANA O S

Cerrado negligenciado em extinção

Tu que caminhas ao fogo, regenera-me nas cinzas do meu coração

Me ensina a relevância de sua existência

Arbustos, subarbustos, lianas, ervas e outros vegetais.

Das Capuchinhas coloridas, pecioladas suculenta minha alma espinhosa Pró-nobis

Sempre verde, folhosa, perene e rústica.

Cara Serralha, amarga com calma, Azedinha

Taioba verde até o talo com folhas de coração.

Barbatimão em fusão cura

Barrigudinha limpa

Mama-cadela previne

Guaçatonga sara

Baru imuniza

Tantas outras desconhecidas.

Acalma, flor amarela Macela

À dor, à fome, Amora

Chá de conhecimento ao dissabor cultural da política restrita ainda colonial

O inseticida Cipó timbó, ora brabo (cuidado!)

Vitória-régia meu caminho.

O LOBO GUARÁ

JOSÉ BRANDÃO

O lobo guará me olha de soslaio,
disfarça, com os olhos afogueados.
Estranha o medo humano em minha face
e se embrenha entre as pedras da Canastra.

O lobo tem o pelo avermelhado,
e as patas, a cabeça e a cauda, negras.
Onívoro, ama a solidão na noite
marcada por seu grito e por seu cheiro.

Quem vê o lobo fica sem palavras
pelo inaudito viso: tanta força,
beleza e astúcia nele conjugadas.
Saem chispas de fogo de seus olhos.

Quem sou ou serei para que me enfrente?
Por que enfrentar uma fraqueza de homem?
Deus penteia suas jубas de leão
e cavalga o seu dorso de cavalo.

O TAMANDUÁ

JOSÉ BRANDÃO

O tamanduá à minha frente, lento,
como se não tivesse pressa alguma.
As fortes garras curvas dificultam-lhe
o andar. Pesado, foge como pode.

As formigas e os cupins alimentam-no.
São caçados com uma longa língua
em forma de funil, que fica dentro
do seu nariz comprido, fino e penso.

É belo com suas cores preto, branco
e avermelhado, nos seus vastos pelos.
Mas por que anda voltado para a terra?
Teme um assalto? Ignora a sua força?

É estranho o seu porte altivo e humilde.
Deus desprezou-o? Será algum castigo?
Algun suplício primordial? Por que
Vaga ao léu esse pobre desdentado?

RESISTÊNCIA NO CERRADO

GERUZA ALINE ERIG

Os frutos do cerrado são fonte de sobrevivência de muitos ribeirinhos e quilombolas que os comercializam in natura ou na forma de doces, geleias e compotas.

PENSE

IVETE NENFLIDIO

Pense, companheiro, você sabe o que produz a riqueza, a fartura e toda luxúria? Você precisa entender que a ganância é autoritária, arrogante, tirana, totalitária e arbitrária! Você e todos os seus que vivem pedindo aos céus, implorando a Deus, do sertão ao litoral, do centro e da periferia, precisam entender, a migração em busca de comida não é temporária, você precisa entender que essa luta é diária. Entenda, companheiro... Durante toda a história, você foi usado, massacrado, você é, para eles, a escória.

Amigo, você precisa entender, que voltamos ao mapa da fome e que isso não é falta de sorte, nem fatalidade ou coisa do povo do Norte... Você precisa entender que somos muitos, estamos em todos os cantos, no campo e na cidade, temos todas as idades. Eles são hipócritas, meritocratas, escravocratas, são oportunistas, nepotistas, são racistas, machistas, defendem o holocausto nazista, são a nova eugenia! Patologia? Não sei... Pura estupidez!

Precisamos falar sobre distopia para somente depois acreditar na utopia, não podemos ignorar o pior que a humanidade criou, são múltiplas formas de violência e violações... E tem o que extorquiu, surrupiou, que diz que é produtor, mas na verdade é o explorador, grileiro, falsário, ameaça a floresta, os biomas, o cerrado e destrói o que nos resta! Tem a bala que corta a carne barata, tem a infância perdida e o crescente extermínio infantil, para eles, o que importa é o resultado do projétil e, no fim das contas, o que interessa é o tamanho da bitola. Enquanto isso, eles seguem nos calando, dando esmolas!

E o que sobra é essa porcaria, as migalhas, a mixaria, e eles insistem na tal meritocracia e fazem suas piadas sem graça e se reúnem sem máscaras, se juntam nas praças, riem de você, e seguem com essa zombaria, com essa putaria! E você continua escravizado, nada mudou, a compra não funcionou, ilusória carta de alforria, compra de corpos, comércio de vidas, bocas reprimidas, gente sofrida! E essa corja de abestalhados com suas vexatórias e hilárias teorias de que você é pobre por merecimento, fatalidade, circunstância e tempo... E vem a milícia e metralha, aniquila, dizem que você é um estorvo, um problema, adoram um xingamento, a perseguição e o cercea-

mento...

Tentam calar e eles te convencem que ser pobre é bom, tá na bíblia e que pensar diferente é desatino, é heresia, caso de bruxaria, coisa de feitiçaria... E você segue sua trajetória inglória, sem alegria, com apatia e sem fúria, segue o dia a dia. Valorize-se, lute! Mas os poderosos querem te convencer do contrário, insistem em te chamar de otário e na condução abarrotada, no sono cansado, você segue explorado, ignorado, desanimado e eles seguem defendendo que tem que andar armado... Andar armado? E vão matando de fome ou à paisana, na triste chacina; e você continua sem acesso à educação, arte, à medicina.

Você é um gigante, é trabalhador, é resiliente e eles nunca conseguiriam viver um dia sequer a tua vida, vida desprovida... São covardes, frouxos e sabem que devem muito, dívida antiga. Gente cruel que derrama pesticida, mata indígena, que provoca a maré suicida. Chuva ácida, gente homicida, é assim, são desumanos, são genocidas!

O ÚLTIMO LOBO DO CERRADO

JOSÉ BRANDÃO

Lázaro Carneiro era o “Poeta do Cerrado”. Morreu defendendo o cerrado, que a sanha do lucro destruiu. A sanha do lucro confunde-se com o sistema. Lázaro foi destruído por essa sanha infernal, sem nada de humano. Foi assassinado pelo progresso, tão necessário, mas tão destruidor em sua sanha de devorar mais e mais. “O que eu tenho com isso?”, diria um outro. Nós todos temos tudo a ver com isso. Nós somos culpados pela destruição do meio ambiente, que é a destruição do próprio homem.

Essa política de tirar o corpo fora é criminosa. Essa política de tapar o sol com a peneira é igualmente velha e criminosa. A pandemia que mata milhares de pessoas, o fogo que destrói milhares de árvores. A ganância que rouba milhares de árvores, que elimina o ar que respiramos. Tantos pobres pelo caminho, tantas pessoas morrendo de fome. “Mas não fui eu.” Querem que eu seja culpado de todos os males do mundo? É falta de humanidade demais. Essa sanha destruidora do progresso é no mínimo assassina. Lázaro que o diga. Como sobreviver? Como viver? É como se Lázaro entregasse os pontos.

Lázaro foi um caipira que se negou a abdicar da sua condição de caipira. Foi caipira até fora d'água, até fora do seu elemento. Tinha a autenticidade do ser caipira. O seu último livro chamou-se “Entre eucaliptos e canaviais ouviu-se o grito do último lobo do cerrado paulista”. É um título longo, mas necessário como o ar que os eucaliptos e canaviais a cada ano mais e mais o fogo vêm tirando da nossa terra. Vêm exaurindo a nossa terra. Bauru foi grande produtora de café, hoje tem terra exaurida, que sufoca, já nem pode mais gritar por socorro. Quem mais vai encampar essa luta? Quem mais vai querer lutar até o último suspiro? Quem vai abraçar essa luta inglória? Lázaro foi talvez o último humanista. O seu livro poderia chamar-se “O último lobo do cerrado”. Traz na capa a imagem de um lobo guará, o lobo do cerrado, em extinção como o próprio cerrado. Lázaro foi o último lobo do cerrado.

PENÚRIA

FLÁVIA RUTH FERREIRA DE OLIVEIRA

Não entendia o porquê;
Não entendia o quando,
O enquanto.
Porque riem,
Enquanto o mundo morre;
Enquanto o chão sangra.
Nas paredes estão as marcas de bala,
Das vezes que não bateram pra entrar;
Não há teto.
Não há abrigo;
Já nos tiraram o lar,
O ar,
E agora nos tiram a chance de comer.
Não é pela oportunidade de viver que venho pedir,
Onde moro a maioria não chega aos 30; Peço que
não me façam escolher,
Sobre como vão me matar, sobre como vou
morrer; Com tiros;
Sem ar;
Ou de fome.

SOMOS TODOS SOLDADOS

ARAI TEREZINHA BORGES DOS SANTOS

Quando pensávamos que pandemia era literatura de séculos passados,
Somos surpreendidos por um vírus sem estarmos preparados.
Transportes foram cancelados e o mundo geograficamente ilhado.
A população precisou ficar em casa, mas nem todos com espaço adequado,
Uns até fizeram bom proveito, mas houve desavenças pelos mais estressados.
Abraços foram eliminados, dar as mãos um gesto condenado,
E amar de verdade é ficar longe de quem ficava ao nosso lado.
Dessa forma os compromissos foram transferidos para um modo virtual,
Pois diante de uma telinha negociar, rir tossir, bocejar, não faz mal.
Partos precoces para salvar mães e bebês, mas nem tudo é perfeito,
Pois o vírus não escolhe idade, nem autoridades e leva até Prefeitos.
Para combatê-lo a esperança vem da Ciência e da Medicina,
Que num tempo Recorde apresentaram uma ou mais vacinas,
E milhares de braços voluntários prontos para essa etapa avançar.
Depois do aval da ANVISA (Brasil), ainda há outras burocracias.
Que além da escassez do produto, barra em Poder e teimosias,
Onde somente o Governo Federal pôs-se a frente das negociações.
A princípio foram vacinados idosos e pessoas com comorbidades
A seguir grupos específicos, paralelo às decrescentes idades,
E assim, cada cidadão ansioso esperando que chegasse logo sua vez.
E se ficar em filas sempre foi algo de indignação,
Desta vez ninguém reclamou, pois foi tempo de prevenção.
Mas nem todos fizeram a lição de casa e ainda criticaram quem a fez,
Acreditando em fake news infundadas que futuramente a vacina fará mal.
Mas pior do que pagar pra ver é não estar aqui para saber do resultado final.

SÓ O POVO SALVA O POVO

GEOVANNI DA SILVA CARVALHO

Que tudo de bom que rime com solidariedade seja sempre nossa identidade

O FOGO AFOGA

ADILSON ROBERTO GONÇALVES

herda a mata
arde o mato
mata à moto-
-serra
remoto descontrola
não viram o vírus veem e não creem

o fogo afoga

cada pau queimado
por mau homem
cada tronco destroçado
por bronco homem
cada pouco perdido
em rouco protesto

toda folha destroçada
de quem vive em bolha de hipocrisia

toda flor despedaçada
de quem não sabe a dor nem a agonia

o canto do pássaro
em qualquer canto (longe, longe)
diz que vai chover(quando? quando?)

CHOVI

ADILSON ROBERTO GONÇALVES

Ao longe, de início, apenas o azul. E o calor. Aos poucos, na branquitude volátil sendo formada, encontrei-me com semelhantes.

Não os reconheci de imediato, mas aos poucos irmanamo-nos e cada vez mais juntos ficamos. E mais escuros. Negros agora.

Colidimos com o que parecia um outro grupo e fortes emissões de luz e de estrondos foram produzidas, como um cumprimento primitivo.

Tudo estava próximo ao clímax da existência, da plenitude, não mais me cabia em mim nem nos meus parceiros. Confundíamos-nos como algo único, quando começou a esfriar. Gelidamente frio.

Antecipando o fim, tudo ficou imóvel. Perda da consciência. Acabou.

Chovi sobre o mar.

O LOOPING DA VIDA

KRYSLANNY SILVA DE ALMEIDA

Segundo Douglas Marcos Varela vivemos em um looping eterno, mesmo isso sendo duvidoso é algo sensato, pois ora é verão, ora é inverno, ora estamos felizes, ora tristes, e mesmo sabendo que a única certeza que temos ao nascer é a da morte, lutamos para que esse dia nunca chegue.

Atualmente estamos duelando contra o Covid-19, anos atrás lutávamos contra a peste bubônica, varíola, cólera, gripe espanhola e suína (H1N1), pandemias estas que mudaram o rumo da humanidade, porém não acabaram com ela.

O cerrado diferente da Floresta Amazônica, Pantanal e Mata Atlântica não está inserido na Constituição Federal como patrimônio nacional que deve ser preservado. Todavia, mesmo com todas as suas adversidades ele ainda se mantém vivo.

As árvores do cerrado tem muito a nos ensinar, visto que mesmo com grandes secas e poucas chuvas elas se mantêm vivas simplesmente por terem raízes profundas, se nós humanos nos mantermos com a saúde mental forte, esperançosos e fazendo nossa parte (mantendo nossas raízes profundas) TALVEZ, somente TALVEZ, possamos sair ilesos destes tempos sombrios.

DIVISA NO HORIZONTE

LAYS MARIA DE MORAES

Tinha tudo para ser apenas mais um dia comum e normal, mas não foi. Quando acordei, em um dia de março do ano 2020, o clima dos noticiários já trazia em si o peso da má notícia - o primeiro caso de Covid-19 havia sido confirmado no Brasil.

Senti que o caos se aproximava no horizonte, como se densas nuvens se condensassem, anunciando a tempestade iminente. O que até então era apenas cogitação, agora era realidade. A imensidão das trevas voltou a cobrir o mundo e, com ela, a dúvida e o medo se espalharam mais rápido do que a epidemia.

Porém, como aquilo que não podemos mudar temos que enfrentar, decidi analisar a nova situação de frente e, como se uma revelação atravessasse meu espírito, compreendi o mistério de uma época:

Se a escuridão das trevas se dilata e se expande, da mesma forma a vida igualmente se move e se perpetua sobre a face da Terra e, portanto, devemos mais uma vez resistir, pois o Sol sempre voltará a brilhar ao final de uma longa noite.

Então, divisei um horizonte menos sombrio, os raios do novo amanhecer insistiam, de novo e de novo, em quebrar a persistente escuridão que, se não for hoje, amanhã, mas uma hora há de ser destruída.



ISOLAMENTO SEM TECNOLOGIA

LAUREANA BARBOSA

A foto retrata minha avó bordando uma das muitas toalhas que ela bordou nessa pandemia. O desafio de passar o tempo em isolamento sem recorrer a tecnologia é um caso muito particular dos idosos em nossos tempos atuais.

ERA UMA VEZ, BRASÍLIS.

SEBASTIÃO AMÂNCIO

Era uma vez, um rei, seus três filhos levados e uma rainha. No reino pairou a peste vinda do estrangeiro, e logo o rei tratou de acusar um outro reino de proliferar propositalmente a doença que já se espalhava. Enquanto o mundo procurava respostas para a cura da peste, o rei se preocupava em desmentir a gravidade da doença.

Seus três filhos levados incumbiram-se de espalhar mentiras sobre a causa da doença e induziram o povo a não se prevenirem das moléstias, contrastando com o que o mundo vinha fazendo de combate àquele mal. Pediam para o povo não se preocupar e que aquilo logo passaria. Não passou. Começou a morrer muita gente e a danação era geral. Sem controle, o mundo inteiro esperava pela cura.

Muito tempo depois, ouviu-se notícias de muito longe dali de que um grupo de sábios inventaram um elixir que combatia as moléstias da peste. Era a tão esperada cura. Mas mesmo assim, o rei não se conformou e não quis saber do que se tratava aquela descoberta.

Logo, todos os reinos garantiram as doses suficientes de elixir para proteger os seus súditos. Entretanto, o rei não acreditou que a cura estava próxima e simplesmente ignorou. Foi o fim. A peste assolou todo o reino, matando e acamando muita gente.

Passou-se muito tempo e nada da doença ter fim. Então os conselheiros do rei resolveram entrar em ação. Aconselharam-no a diminuir as críticas e providenciar as doses necessárias para curar a população local. Enquanto isso não acontecia, os súditos se rebelaram contra o rei e cercaram o palácio.

Comerciantes, artesãos, cientistas, filósofos e intelectuais apoiavam os rebeldes contra as arbitrariedades do rei. Instauro-se o caos. O rei, sentindo-se acuado, resolveu adotar medidas drásticas e por meio da guarda real, mandou prender os críticos do seu governo, estabeleceu a censura e promoveu retaliações contra outros reinos que tentassem ajudar.

Os aldeões, agricultores pacíficos, principal fonte de subsistência alimentar do reino, através do abastecimento agrícola, se uniram aos rebelados e, diante da gravidade da situação, o rei, acuado, retrocedeu. Mandou providenciar as doses necessárias para todos e a paz voltou a reinar.

CONHEÇA AS/OS ARTISTAS

ADILSON ROBERTO GONÇALVES - CAMPINAS/SP

Adilson Roberto Gonçalves, 54 anos, natural de Pedreira-SP e residente em Campinas-SP. Pesquisador científico na Unesp de Rio Claro-SP. Membro de academias literárias e entidades culturais do interior de São Paulo. Possui contos e poemas publicados em antologias. Em 2016 saiu pela LiteraCidade seu livro de poesia “O eu e o outro”. Escreve textos opinativos sobre ciência, tecnologia e educação e uma compilação deles saiu publicado em 2017: “Transformações na Terra das Goiabeiras”.

ADRIANA OLIVEIRA DA SILVA - TOCANTINS

Uma baiana no Cerrado Tocantinense. Estudos sobre a segurança alimentar nutricional antirracista (por uma alimentação garantida e biodiversa). Conectada com a educação, tecnologia e inovação, tradutora, poeta e ativista (negritude, diversidade, intolerância religiosa, capacitismo).

ANA MAGO - BRASÍLIA/DF

Poetisa e professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, meu primeiro contato com a escrita foi através das histórias em quadrinhos, tinha dez anos de idade, aos onze me apaixonei pela literatura brasileira, aos dezessete comecei a escrever. Publiquei três livros. A poesia é minha grande paixão.

ANGÉLICA FERREIRA DE FREITAS - JATAÍ/GO

Angélica F. Freitas, ama a família, tem um gato que se chama Jubileu que tem 12 anos a metade da sua vida foi dedicada em ama-lo, adora escrever versos e palavras que surgem sem muito pensar, gosta de rabiscar expressões de pessoas com grafite e borracha (porque não sabe desenhar rsrsrs). Ama borboletas e a magia de elas serem seres que nunca conseguem ver a beleza de suas próprias asas e por esse motivo jamais vão se deixar deslumbrar.

ANTONIO JOSÉ DE SIQUEIRA NETO BRANDÃO - CAMPINA GRANDE/PB

Poeta inato, Antonio Neto Brandão também é licenciado em Filosofia, possui formação superior em Gestão de Recursos Humanos, além de ser advogado.

ARAI TEREZINHA BORGES DOS SANTOS - CAMPO LARGO/PR

Arai Terezinha Borges dos Santos, professora aposentada, residente em Campo Largo Pr. É autora de dois livros publicados e comercializados independente e sem ISBN. Participa de várias Antologias, já ganhou um troféu, duas medalhas e várias menções honrosas em literatura. Consta com alguns trabalhos publicados em vídeos com a participação de terceiros.

ARNALDO VICENTE DA SILVA - BELO HORIZONTE/MG

Nome completo é Arnaldo-Lóbbi, tenho 39 anos, nascido no dia 01/01/1983, na cidade Belo Horizonte e estado Minas Gerais. Minha vida sempre foi um “desafio”, tive meu pai levado por infarto fulminante aos 34 anos. Mas, uma mãe, que foi pai e mãe de forma “zelosa e honesta”. Devido à minha paixão pela disciplina de “história” me apaixonei pela política, cinema e economia. Ainda estudo Ciências Econômicas e Jornalismo. E sigo me “desafiando”, enquanto “navalha” permitir.

BÁRBARA OLIVEIRA XAVIER - PALMAS/TO

Mulher, beradeira do Rio Sono, e arteira, que acredita na construção de outros mundos possíveis, livre de opressão. Assistente social de formação, militante de direitos humanos, educadora popular

BEATRIZ SILVA DE SOUZA - FORTALEZA/CE

Me chamo Beatriz Silva, Tenho 17 anos moro em Fortaleza CE no bairro Quintino Cunha, Comecei a fotografar através dos cursos da Rede Cuca, Foi lá onde eu tive o primeiro contato com uma câmera fotográfica, Foi lá onde eu aprendi várias técnicas e ensinamentos básicos da fotografia. Sou fotógrafa de momentos, Sou fotógrafa do meu bairro, Faço Fotografias do dia a dia da minha comunidade e de outras comunidades que eu frequento, Trago através das minhas fotografias os momentos, Sentimentos e sensações do cotidiano das periferias de Fortaleza, Venho trazendo o outro lado das nossas favelas, Das nossas periferias, Estou tentando mudar o olhar das pessoas através das minhas fotografias, E isso é muito importante para mim, Eu sou nascida e criada dentro de uma comunidade, E escutar as pessoas falando várias coisas negativas da comunidade me fez enxergar que as pessoas precisam saber e ver o outro lado que elas não conhecem, E sim só escutam de pessoas que nunca nem pisaram em nenhuma comunidade, Em nenhuma favela.

CAROLAINA SOUSA ALVES - BELÉM/PA

Meu nome é Carolaine Sousa Alves, tenho 22 anos e trabalho como mediadora voluntária na biblioteca Carolina Maria de Jesus e na horas vagas fazendo trabalhos manuais com missangas. Mas, adoro escrever crônicas, textos e poemas e formas de literatura como um todo sempre esteve presente na minha vida, mas ganhou mais espaço na minha vida após me tornar mediadora voluntária na @Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus, que acabou sendo fonte de engajamento para eu conseguir me encontrar como mulher Negra. Mediante a isso, consegui me reconhecer na sociedade e lutar por meus direitos e sonhos. Além de expandir meu lado cultural fazendo com que eu compartilhe meus textos na página @Memórias de uma colegial, que estava parada a um tempo na plataforma Facebook. Logo compartilhar a literatura e cultura que são fontes de conhecimento para todos se tornou um dos pontos que mais amo. Para que todos possam amar os livros, textos e arte como um todo. No qual eram gerados em lugares elitizados, mas agora após lutas a periferia tem conquistado o seu lugar e compartilhando sua arte e cultura pelo mundo.

DAGUITO RODRIGUES (DAGOBERTO LEGNAIELI RODRIGUES) - SÃO PAULO/SP

Daguito Rodrigues nasceu numa ilha. É escritor, roteirista e diretor. Na Globo, escreveu “Dani-se”, com Dani Calabresa, além de um projeto multicanais com Regina Casé. Na Publicidade, foi Diretor de Criação da América Latina para a P&G na agência Publicis e um dos criadores do “Dia do Sexo”. Ganhou 8 Leões em Cannes e 16 prêmios no Clube de Criação. No Audiovisual, co-escreveu e co-dirigiu o longa showcumentário “O Nascimento de Vênus Tour”, da artista trans não-binari Filipe Catto, escreveu e dirigiu o curta “O Santo Salvador e o Demônio” e os clipes “É Sempre o Mesmo Lugar” e “Arco de Luz”. Foi roteirista do curta “Clara.mem” e da série “Residência Médica”. No Jornalismo, cobriu pela Folha o caso Suzane Von Richthofen e o último julgamento do Maníaco do Parque. No Teatro, é co-autor de “Game Over” e “A Pergunta de Um Milhão de Dólares”. Na Literatura, publicou o romance “Vozes Na Rua” e mais de 25 contos em antologias com outros autores.

DAVID EHRLICH - CURITIBA/PR

David Ehrlich é natural da cidade de Detmold, Alemanha, onde passou os primeiros dois anos de vida. Suas experiências mais importantes, porém, foram colhidas em Curitiba-PR, onde mora. É formado em Comunicação Social – Jornalismo (UFPR) e especializado em Narrativas Visuais (UTFPR). Atuou como redator e assistente de cadastro. É fascinado pelo fantástico mundo das artes, e em especial a literatura, em que sente maior liberdade. Desde bem pequeno ganhou enorme paixão pela leitura e pelo cinema, e começou a se arriscar na criação de histórias, tendo certeza de que queria ser escritor. Hoje considera-se um modesto contista, poeta e cronista, tendo no momento mais de 40 textos publicados e participando de várias antologias. Cecília Meireles, Chico Buarque, Edgar Allan Poe, Ferreira Gullar, J.R.R. Tolkien, Newton Braga, Paulo Bomfim, Sir Arthur Conan Doyle, Stephen King: são estes apenas alguns dos escritores que lhe servem como baluarte no oceano da literatura.

EDUARDA MARIA RIBEIRO ANDRADE - PALMAS/TO

Sou uma estudante de Letras, inquieta sobre questões do curso e da vida. Gosto de escrever sobre vivências e sentimentos. Sou tagarela e me empolgo para falar de questões sociais e raciais. Gosto de ter esperança na vida, apesar de todas as adversidades. Gosto de observar a natureza, de viajar e de sonhar.

ELCIO DE SOUSA CRUZ - ARAGUAÍNA/TO

Elcio Cruz, 30 anos, natural de Araguaína-TO é graduado em pedagogia pelo Centro Universitário Unitpac onde foi bolsista do ProUni durante todo o seu curso. Em 2019 especializou-se em Alfabetização e Letramento pela Unopar e atualmente é servidor público da rede municipal de ensino de Araguaína-TO onde atua como professor dos anos iniciais do ensino fundamental.

EVANDRO VALENTIM DE MELO - BRASÍLIA/DF

Evandro Valentim de Melo é escritor brasileiro. Participa o tempo todo de concursos literários. Conseguiu prêmios com minicontos, contos, crônicas, poemas e livros. Teimoso e esperançoso, também é organizador de uma competição literária chamada Concurso Literário Beleza e Simplicidade em Contos e Crônicas, que, em 2024 chegará à 6ª edição consecutiva. Tem 12 livros publicados. O mais recente é Boiúna (Tagore, 2023), apresenta trama que convida leitores a refletir sobre o flagelo dos ianomâmis frente ao garimpo ilegal.

FLANUBIO - PALMAS/TO

Sobrevivendo na cidade das peixadas, minúscula, violenta e muito corrupta.

FLÁVIA RUTH FERREIRA DE OLIVEIRA - PALMAS/TO

Sigo existindo, resistindo e manifestando. Sobrevivente ao desgoverno Bolsonaro, escrevo como forma de resistência.

GEOVANNI DA SILVA CARVALHO - JUAZEIRO DO NORTE/CE

Nunca sei exatamente o que falar quando pedem para que eu me apresente. Me pergunto se devo falar sobre minhas dores enquanto homem negro e gay numa sociedade racista e lgbtfóbica, ou se simplesmente falo que sou Geovanni Carvalho, conhecido como ge ou geo, estudante de jornalismo, de 23 anos de idade, nascido e criado na terra do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte – Ceará, libriano e militante do Levante Popular da Juventude. Depois de anos ignorando o fato de que não me sentia EU dentro de meu antigo curso, no ano passado, depois de uma tremenda frustração, abandonei o curso e decidi seguir uma nova jornada, e comecei um novo curso, em outra universidade, em outra cidade e em outro estado. E enquanto escrevo esse texto acabo de confirmar minha passagem para essa nova jornada, e penso sempre na canção que diz “meu bem, o mundo inteiro está naquela estrada ali em frente...já é outra viagem, e o meu coração selvagem tem essa pressa de viver”, e vejo o quanto me sinto nela representado.

GERUZA ALINE ERIG - PALMAS/TO

Professora e Pesquisadora do IFTO - Campus Palmas, nas áreas de turismo, hospitalidade e gastronomia. Entusiasta dos frutos, alimentos e elementos do cerrado, que, além de diversificarem a alimentação, trazem vida, sustentação e resistência aos povos desse bioma. Acredito que a gastronomia pode se tornar um recurso essencial de conservação do Bioma Cerrado.

GUSTAVO DE LIMA LORON - CAMPINAS/SP

Gustavo Lorón tem 28 anos e nasceu em Campinas (SP). Atualmente, mora na cidade de São Paulo e atua no mercado publicitário.

Formado em jornalismo, ele sempre foi apaixonado pela escrita. É filho de professores, LGBTQIA+ e pai de 2 gatos.

GUTO GARCIA - NOVA ANDRADINA/MS

Como poeta, LGBT e Sem Terra, o jovem Guto Garcia, nascido em Mato Grosso do Sul, tenta através da poesia, exteriorizar suas vivências coletivas e individuais de diferentes sujeitos e de si mesmo. Participou em 2016 da coletânea de poesias, Versando Rebeldia, organizada pelo MST e em 2018 lançou de maneira independente seu livro intitulado “Lutas, Transas e Rabiscos”. Como diz o próprio autor, suas poesias são de domínio da classe trabalhadora, visto que são frutos da mesma.

IVETE NENFLIDIO - SANTO ANDRÉ/SP

Com 48 anos, natural de São Bernardo do Campo – SP, Ivete Nenflidio é escritora, pesquisadora das manifestações tradicionais brasileiras, curadora artística de festivais e articuladora cultural especializada em Sustentabilidade Aplicada aos Negócios, em Leis de Incentivo à Cultura, desde 1996. Como autora, publicou livros de poesia, contos, crônicas e romances, entre eles as antologias: “Memórias Difusas” e “País Estrangeiro” (Editora Beira), a obra “Cartografias da saudade” (produção independente). Além da ficção “Calendas de Março”, obra viabilizada com recursos da Lei Aldir Blanc. Está em fase de lançamento de outras duas publicações: “Ataque” e “O sereno que habita meus olhos”, com previsão de lançamento para maio de 2022 pela Editora Telha.

JADER CARDOSO SANTINI - SÃO LEOPOLDO/RS

Sou professor da rede pública de São Leopoldo no RS e Artista Visual, quadrinista e um pouco poeta. Meu trabalho envolve quadrinhos, ilustração digital e poemas. Prego amor mas odeio fascistas.

JOSÉ CARLOS MENDES BRANDÃO - BAURU/SP

Meu nome completo é José Carlos Mendes Brandão. O meu nome literário é José Brandão. Tenho 75 anos de idade. Nasci em Dois Córregos, SP e moro em Bauru, SP. Sou licenciado em Letras Vernáculas, professor aposentado e autor de oito livros de poesia e dois de crônicas.

JOSIMARA FARIAS NEVES - NATAL/RN

Mara Farias, nasceu em 1991, militante do movimento Levante Popular da Juventude, negra e nordestina. Moradora do bairro Felipe Camarão, periferia de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Escreve desde a infância sempre inspirada no espaço e contexto social onde vive. Em 2010, contribuiu com poesias para o Guia da Autoproteção realizado pelo CEPIB (Centro de Empoderamento e Proteção à Infância Brasileira) levando para as escolas formação para crianças e adolescentes sobre violência sexual. No ano de 2019, escreveu para a reedição do CD Meu boi ainda canta, inspirado nas canções do Boi de Reis do Mestre Manuel Marinheiro e para o livro Levantes da Resistência organizado pelo movimento Levante Popular da Juventude, em 2020 participou do livro Escrituras Negras, a mulher que reluz em mim, O Livro das Marias II e Escrituras Negras II - As marcas organizados pela poetisa Jeovánea P. e na Antologia Ócios no Ofício organizado pela poetisa Karine Bassi.

KARINA COLARITES - REBOUÇAS/PR

Meu nome é Karina, tenho 19 anos. Sou reboncense e adoro minha cidade, pequena e acolhedora. Sou um ser humano tímido, com certa dificuldade em relacionar-se com as pessoas, mas aos poucos estou tentando melhorar isso, sou calma, adoro crianças e amo de paixão meus animalzinhos. No meu tempo livre adoro inventar “moda” na cozinha, quero muito ser uma Master Chef no futuro, admiro e amo estar em contato com a natureza, desde pequena sou apaixonada por desenhos, não é “atoa” que desenhar é meu passatempo favorito, é por meio de cada traço que transmito meus sentimentos e admirações. Atualmente moro com meus pais, minha irmã e um bando de cachorros e gatos kkkk (minha felicidade diária), mas antes desta mudança a gente morava no interior na casa dos meus tios e primos, lugarzinho que amo muito e sempre que consigo estou lá. Meus pais sempre priorizaram a educação minha e de minha irmã, pois eles não tiveram as mesmas oportunidades que temos agora, pois tiveram que “largar” os estudos muito cedo por conta do trabalho, assim, acredito muito que a educação tem um poder transformador na vida das pessoas, pois a gente (Eu e minha irmã) tivemos a honra de sermos as primeiras aqui de casa a entrar na universidade e estar cursando Pedagogia que sempre foi meu sonho.

KATIA COLARITES - REBOUÇAS/PR

Meu nome é Katia, tenho 19 anos e moro em Rebouças-PR. Sou pisciana, então sonho acordada kkk, sou sensível, alegre, empática com os demais, sou muito organizada e detesto uma bagunça, prefiro o silêncio (sou de poucas palavras kkk). Em meu tempo livre gosto de ler livros, desenhar, tirar uma sonequinha e comer é claro, também gosto de andar de bicicleta mesmo tendo caído várias vezes. Tenho muitos sonhos, pretendo me formar em Pedagogia e me especializar na área da educação atuando como professora em uma turma infantil, planejo no futuro construir uma ONG para ajudar os cães em situações de rua, quero muito ir a praia para conhecer o mar, acampar numa floresta em uma noite estrelada, construir a casa para a minha família e por aí vai muitas idealizações. Nos fins de semana amo ficar em casa com minha família que é meu porto seguro e com meus cachorros e gatos que são muitos. Terminei minha mini biografia com um trecho de minha escritora favorita Clarice Lispector “Todas as manhãs ela deixa os sonhos na cama, acorda e põe sua roupa de viver” .

KRYSLANNY SILVA DE ALMEIDA - SÍTIO NOVO DO TOCANTINS/TO

Kryslanny Silva de Almeida, nasceu dia 13 de dezembro de 2003, em Augustinópolis do Tocantins, filha de pai professor - Carley Gomes de Almeida e mãe empresária - Fernanda Conceição Silva de Almeida, desde criança é apegada a livros, aprendeu ler aos 5 anos de idade, em 2019 entrou no IFTO- Campus Araguatins e lá sua vontade de escrever se aflorou, em 2021 teve seu conto autoral- A última lembrança selecionada pra o IFestival. A Jovem tem sonho de ter um livro publicado e cursar direito.

LAUREANA BARBOSA CARVALHO - PALMAS/TO

Palmense de nascença, o amor pela minha família e os animais são a base para tudo que sou e acredito hoje. Com muito cuidado e paciência passamos por dias difíceis nessa pandemia, mas sempre com fé de que a resistência é o prelúdio de dias melhores.

LAYS MARIA DE MORAES - BOTUCATU/SP

Alguém que não se conforma com a sociedade, mas odiaria não poder mais observá-la nos seus mínimos e absurdos detalhes, porque se deu conta de que, de uma forma ou de outra, somos todos absurdamente únicos.

LIÉCIFRAN BORGES MARTINS - CARIACICA/ES

Liécifran Borges Martins é uma poetisa, compositora e escritora brasileira. Nascida em Vitória, no Espírito Santo. Comecei a escrever poemas entre meus 14(quatorze) para 15 (quinze) anos de idade. Na época, não sabia de que os textos sobre os quais escrevia, eram considerados poesias. Somente alguns anos depois, tomei conhecimento que era uma poetisa e sobre a relevância do que eu escrevia. Atualmente, eu, Liécifran, estou em formação no curso técnico em química no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). É por meio da poesia que escrevo, que expresso meus mais profundos sentimentos, concentrando toda dor, alegria, gratidão em meus poemas. Também escrevo outros gêneros narrativos, como histórias, romances. Escrevo paródias. Ainda meu principal foco, no momento é a poesia, cujo busco é encontrar inspirações poéticas em outros poetas, como Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles.

MARCELLO CAMELO - FORTALEZA/CE

Marcello Camelo, capricorniano, 42 anos, amoroso filho do meio, descobriu tarde o amor, e quando o descobriu foi intenso em suas “paixões”, adora cinema, música, teatro, shows, aventurou-se pelos Sistemas, Publicidade, Administração, Teologia e História, ama as pessoas, já bateu ponto engravatado. Faz parte da antologia, “Paginário”, lançada em 2019. É Gestor da Qualidade, viajado conheceu 7 países, e quase todo o Ceará, crismado, já foi sem dúvidas muito abençoado, é bom de papo e de ouvido, tem um olhar doce, um coração enorme, é emotivo que só. Aliás, os olhos já estão marejados por estas linhas, pelas lembranças e pelo que ainda está por vir. “Misericórdia” e “nunca pare de sonhar”, são duas máximas! E se precisares de um amigo é dos mais fiéis. Publicou o poema: “Maracaiá”, na Revista Maracajá em 2019.

MARCOS ANTONIO CAMPOS - NATAL/RN

Nasci em Natal, sou formado em Letras, Administração de Empresas e Ciências Contábeis, sou funcionário aposentado pelo Banco do Brasil, tendo trabalhado em várias cidades. Gosto de turismo, bolsa de valores e literatura. Publiquei os livros: “Um Bêbado Sonhador, Babel, Algodão Doce, Atropelando Papai Noel e Absinto, todos pela Caravela Selo Cultural. Estou presente em mais de 50 coletâneas espalhadas pelo país e fui premiado em diversos certames literários.

MARIA APARECIDA RODRIGUES DA SILVA - MIRACEMA/TO

Cida, mulher, esposa, mãe de três filh@s, vó de uma menina, Assistente Social, atuo no CRAS, especialista em Educação, pobreza e desigualdade social e Serviço Social e Política Social e muito arteira.

MARIA OTÍLIA BARBOSA SILVA - PALMAS/TO

Eu sou a Maria Otília, menina preta que vive na periferia de Palmas localizado no aurenny 1. Tenho 16 anos e estudo no instituto federal, campus Palmas. Sou lgbt e levanto a causa tanto da questão racial, gênero e sexualidade. Espero mesmo que de forma pequena fazer revolução nesse mundo ainda.

MATEUS FELIPE MOTA LIMA - PALMAS/TO

Sou GG do SB. Artista, compositor, cantor, produtor audiovisual próprio, tenho vinte anos, moro na zona sul da capital onde a cultura é pouca, estudante do IFTO em Atendimento, PROEJA, fazendo minha marca Original SB, Levantino do cerrado com intuito de aprimorar mais e mais

NANNA KRISHINA DE R SILVA - PALMAS/TO

Goiana do ‘pé rachado’ e apaixonada pelo Tocantins. Estudante em constante formação. Assistente social no IFTO, com especialização em educação inclusiva e mestre em Desenvolvimento Regional.

NAYÁ TAWANE TARGINO COELHO ARRAES - BRASÍLIA/DF

Me chamo Nayá Tawane, sou goiana, nascida na cidade de Goiânia, mas moro em Brasília há cerca de 14 anos. Sou jornalista há 4 anos, mas costumo dizer que antes desse diploma, sempre me considerei uma comunicadora popular. Pensar que com uma câmera, caneta, bloco de notas ou até mesmo as redes sociais, já conseguimos contar para o mundo o que estamos vendo e vivenciado, é de um poder imenso. Sou militante ecosocialista e acredito que só vamos chegar no poder, efetivamente popular, se construirmos uma luta junto às mulheres, população negra, periférica, povos indígenas, quilombolas e tradicionais. Nessa caminhar de esperança e resistência, já trabalhei na Tv Comunitária de Brasília, Rede Mais Cerrado, Telesur e atualmente sou repórter no Brasil de Fato.

NAYARA GÜÉRCIO - BRASÍLIA/DF

Nayara Güércio é doutoranda, pesquisadora, professora, tradutora e, acima de tudo, leitora. Leitora de livros, mas também de cartas, postais e bilhetinhos de geladeira. Como toda brasileira, Nayara é uma sobrevivente. Sobrevive graças à sua pesquisa, seus poemas e, acima de tudo, sua mãe, seu namorado e sua cachorrinha vira-lata cor de flocos. Na verdade, sobreviveu também pela esperança incorrigível que insiste em ter apesar de tudo, mas sem pesar algum. Mestra em comunicação (UnB) e em tradução literária (TCD), mas só suas poesias traduzem sem equívocos o que comunica seu coração.

PATRICIA DE CAMPOS OCCHIUCI - MOGI GUAÇU/SP

Professora, poeta, escritora e psicóloga, natural de Santo André, reside no interior de São Paulo, na cidade de Mogi Guaçu. Participou de algumas publicações da Psiu Editora, editora Ases da Literatura de Portugal, Editorial Eco Literário, Elemental Editação e Artner.

PATRICIA DOS SANTOS - PAULO AFONSO/BA

Patrícia Santos nasceu em Paulo Afonso, Bahia. É formada em Pedagogia pela UNEB. É escritora com um livro publicado, Entre flores e Espinhos- poesias de uma vida (2020), e tem participação em várias Antologias poéticas.

RAQUEL BATISTA DE OLIVEIRA CAMPOS - BOA VISTA/RR

De Barbacena, Minas Gerais. 31 anos. Professora da UFRR lotada no CAp e pedagoga. Escrever como ato de resistência faz parte da minha história.

REGIANE CRISTINA LOPES DA SILVA - BELFORD ROXO/RJ

A autora nasceu na Cidade de Salto-SP, mas reside no Rio de Janeiro desde criança. É apaixonada por literatura nacional e estrangeira e não despreza nenhum gênero literário. Ela possui um livro infantojuvenil publicado; e poesias, contos e microcontos em antologias destinadas ao público infantojuvenil e adulto, em editoras e concursos literários variados.

REGINA RUTH RINCON CAIRES - CAMPINAS/SP

Regina Ruth Rincon Caires, nascida em Auriflama/SP em 07 de setembro de 1953 (68 anos). Casada, funcionária pública federal aposentada, tem dois filhos e um punhado de netos. Formada em Letras e Direito. Não possui livros publicados. Classificada em alguns concursos literários.

ROBINSON SILVA ALVES - COARACI/BA

Formado em Filosofia na Universidade Estadual de Santa Cruz e Licenciaturas Interdisciplinares na Universidade Federal do Sul da Bahia, residindo em Coaraci-Ba, tendo ao longo da trajetória conquistado cerca de 40 premiações em concursos de poesia além de inúmeras participações em revistas literárias.

RONALDO DÓRIA DOS SANTOS JÚNIOR - RIO DE JANEIRO/RJ

Ronaldo Dória Júnior é carioca, nascido em 1985. Faz rabiscos que às vezes viram desenhos, soa acordes desafinados no seu violão e, sempre que tem inspiração, deixa que seus dedos longos corram em textos tristes que vai inventando.

SEBASTIÃO AMÂNCIO DA SILVA - PALMAS/PR

Sebastião Amâncio é alagoano de Passo de Camaragibe e radicado na cidade de Palmas, no Paraná. Licenciado em Letras Português/Inglês pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR Campus Palmas. É autor do romance ‘O menino do Passo’, pela editora

Autografia e tem participação em várias antologias poéticas. Autor premiado em 2023 com o 1º lugar no VI Concurso de Poesias da ACLOB (Academia de Ciências e Letras de Ouro Branco/MG), na categoria nacional, com o poema ‘O moderno tupiniquim’. É também professor na educação básica, nos componentes de língua inglesa e língua portuguesa. É ainda cronista e contista.

LÍRIO RELUZENTE - TERESINA/PI

Pseudônimo, é escritora, poetisa, cordelista e cristã. Natural do Piauí, nasceu em Campo Maior. Morou um tempo no RJ, aprendendo o sotaque carioca e atualmente reside em Teresina. Participou como coautora da I Coletânea Piauí Poético, organizada por Alexandre César, Cláudio Ciarlini e Wilson Maudonado através da parceria entre o Jornal O Piauí, a Sociedade Piauiense de Poesia e a Editora Tremembé, em dezembro de 2021. Membro da Casa dos Poetas e da Poesia, possui várias produções expostas nas plataformas digitais Recanto das Letras, Meu Lado Poético, Autores.com e Pensador. Coautora na Antologia Poemas ao Pôr do Sol, lançamento da Revista Conexão Literatura e na 5ª Coletânea Poemas, Sonetos e Cordéis, organizada pelo Projeto Apparere (2022).

TERESA ALVES MARTINS DE AQUINO - PELOTAS/RS

Teresa Alves Martins de Aquino tem 18 anos de idade e mora atualmente em Pelotas no Rio Grande do Sul. Possui curso técnico em Controle Ambiental e se formou no Instituto Federal do Tocantins em 2021. É uma escritora de poesias, que se inspira ao olhar para o céu e em pequenas observações do cotidiano. Em 2020 escreveu seu primeiro livro autoral, “Num Buraco Negro de Tinta”, e participou de diversos projetos artísticos como, por exemplo, a Mostra Arte/Vida do projeto Recidade da FURG, e no ano seguinte, a Antologia Tocantina, Antologia Quintal Poético II, a Coletânea Amor em Poesia e futuramente, em 2022, participará da Coletânea do Prêmio Off Flip de Literatura (RJ). Teresa, ou TAMA, como se identifica artisticamente, se define como uma jovem sonhadora que se dedica à arte tanto a fim de se encontrar quanto para espalhar sensibilidade ao mundo.

THIAGO HENRIQUE FERNANDES COELHO - UBERLÂNDIA/MG

Graduado em Teatro, mestre em Artes Cênicas, doutorando em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia. Autor do livro infantil Fake News: a raposa, o lobo e a menina e da HQ O menino e o mutirão. Participa do Coletivo Clowns do cerrado e do grupo de teatro Tamborete. Participa do projeto Pediatras do Riso/Palhaços Visitadores. Ator, palhaço, escritor, diretor e contador de causos. Possui contos publicados em diversos livros, como por exemplo, Memórias: companheiras de viagem na antologia Nemephile. Emília na terra dos dinossauros na Cartola Editora. Devoradora de corações no livro Do fato para a ficção: a humanização das notícias de jornal. O

amor está ao lado na Psiu Editora. Ator e produtor no espetáculo O dia de Alan (2017-2020). Um dos organizadores do livro O dia de Alan- Caderno de memórias. Pesquisa comédia, cultura caipira e audiovisual. Participou dos média-metragens - P.P.A.: palhaços procuradores de afeto e Em clowns de Praiaço, e do vídeo A Palhestra. Participou do Copavê e da Olimpíadas.

VINICIUS ALVES CARDOSO - TERESINA/PI

Vinícius Alves Cardoso, ou só Vinícius Cardoso, nasceu e vive em Teresina, capital do Piauí. Tem 31 anos contrariando as estatísticas, onde nesse período se formou em História e atua como professor e historiador

VITÓRIA CIBELE MACIEL DA COSTA - BELÉM DO PARÁ/PA

Olá, me chamo Cibeles, sou voluntária e mediadora na biblioteca do meu bairro e por meio desse trabalho pude me conectar ainda mais com a arte como poesia , o ramo de gravação de vídeo. Só despertou ainda mais essa vontade de escrever.